



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

LUCIANE DE ANDRADE DUARTE

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS NO ENSINO
REMOTO EMERGENCIAL: UMA REFLEXÃO COM CARTAS PEDAGÓGICAS**

JAGUARÃO

2022

LUCIANE DE ANDRADE DUARTE

**AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: UMA
REFLEXÃO COM CARTAS PEDAGÓGICAS**

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao Mestrado Profissional em Educação da
Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de
Mestre em Educação.

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado
ao Curso de Mestrado Profissional em
Educação da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Mestre em
Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina da
Silva Rodrigues

JAGUARÃO

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

DD812aa Duarte, Luciane de Andrade

Avaliação da aprendizagem nos anos iniciais no ensino remoto emergencial: uma reflexão com cartas pedagógicas / Luciane de Andrade Duarte.

93 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2022.

"Orientação: Ana Cristina da Silva Rodrigues".

1. Avaliação. 2. ensino remoto. 3. anos iniciais. 4. cartas pedagógicas. I. Título.

LUCIANE DE ANDRADE DUARTE

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL:

uma reflexão com Cartas Pedagógicas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em educação - Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Dissertação defendida e aprovada em: 19 de setembro de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr^a Ana Cristina da Silva Rodrigues
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Dra. Juliana Brandão Machado
UNIPAMPA

Prof. Dra. Silvana Maria Gritti
UNIPAMPA

Prof. Dra Marilane Wolf Paim

UFFS/IFC



Assinado eletronicamente por **ANA CRISTINA DA SILVA RODRIGUES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/03/2023, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JULIANA BRANDAO MACHADO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/03/2023, às 16:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SILVANA MARIA GRITTI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/03/2023, às 11:04, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Marilane Maria Wolff Paim, Usuário Externo**, em 29/03/2023, às 17:28, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1091139** e o código CRC **689DC433**.

AGRADECIMENTO

Sou imensamente grata ao grande Pai Oxalá e a todos os guias espirituais, que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos. Agradeço ao meu pai Boaventura e minha mãe Lúcia pelo apoio incondicional.

Agradeço ao meu irmão Marcelo e minha cunhada Larissa por todo incentivo e suporte nessa trajetória. Agradeço ao grande amor da minha vida, meu sobrinho amado Miguel, mesmo sem entender, ele é a luz que me guia.

Agradeço também ao meu namorado Tiago por todo apoio e pela paciência que ele teve comigo durante a escrita do relatório.

Agradeço a minha orientadora Ana Cristina também minhas colegas de orientação e, também todos os demais colegas de aula do Mestrado que sempre se fizeram presentes.

Agradeço a todas as participantes da pesquisa pois sem elas não haveria pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que de uma maneira ou de outra contribuíram para chegar até aqui!

RESUMO

Vivemos numa sociedade altamente tecnológica, o uso das tecnologias digitais tornou-se uma prática recorrente no cotidiano de grande parte da população, no entanto, com o surgimento do novo coronavírus, e conseqüentemente a chegada de uma pandemia em escala mundial, que ainda assola todas as esferas da sociedade teve seu cotidiano drasticamente modificadas. Tais mudanças adentraram nas salas de aula. O advento da pandemia ocasionou a suspensão das aulas presenciais, tudo mudou e continua mudando a cada dia. Tais mudanças afetam drasticamente o modo de avaliar, repentinamente, professores tiveram e têm o desafio diário de dar aulas remotamente. E é nesse cenário que surge a proposta do nosso trabalho: Avaliação da aprendizagem nos anos iniciais no ensino remoto emergencial: limites e possibilidades. A pesquisa foi realizada na escola estadual de Ensino Fundamental Joaquim Caetano da Silva, no município de Jaguarão RS, os sujeitos da pesquisa foram professores dos 4º e 5º anos das séries iniciais do Ensino Fundamental e também da equipe diretiva da referida escola. Tendo como objetivo geral identificar as dificuldades encontradas pelos sujeitos da pesquisa em avaliar os alunos de forma remota e, como objetivos específicos: a- conhecer o conceito de avaliação dos sujeitos da pesquisa, b- compreender os limites em avaliar remotamente os alunos, c- identificar as possibilidades em avaliar de forma remota os alunos, d- possibilitar a construção de um produto contendo definições de avaliação dos sujeitos envolvidos durante a pesquisa. Metodologicamente este trabalho foi pensado e construído através de cartas pedagógicas, cartas estas que primeiramente foram enviadas aos sujeitos da pesquisa com o intuito de conhecer os limites e possibilidades em avaliar de forma remota e também identificar o conceito de avaliação de cada participante. A partir das cartas respostas foi realizada uma análise, através dessa análise foi possível perceber os limites e as possibilidades encontradas pelos sujeitos em trabalhar remotamente. Assim como foi possível identificar o conceito de avaliação presente nas cartas-resposta, de modo geral prevaleceu o conceito de avaliação diagnóstica no que se refere a avaliar remotamente os alunos.

Palavras-chave: Avaliação; Ensino Remoto, Tecnologias Digitais, Cartas Pedagógicas

RESUMEN

Vivimos en una sociedad altamente tecnológica, el uso de las tecnologías digitales se ha convertido en una práctica recurrente en el día a día de gran parte de la población, sin embargo, con la aparición del nuevo coronavirus, y, en consecuencia, la llegada de una pandemia a nivel mundial, que aún azota a todas las esferas de la sociedad, vio drásticamente modificada su vida cotidiana. La llegada de la pandemia provocó la suspensión de las clases presenciales, todo ha cambiado y sigue cambiando a cada día. Tales cambios afectan drásticamente la forma de evaluar; de pronto, los docentes tenían y tienen el reto diario de enseñar a distancia. En este escenario que surge nuestra propuesta de Evaluación de los aprendizajes en los primeros años en la enseñanza a distancia de emergencia: límites y posibilidades. La investigación fue realizada en la escuela estatal de Enseñanza Básica Joaquim Caetano da Silva, en el municipio de Jaguarão/RS, los sujetos de la investigación fueron profesores de los 4º y 5º años de las series iniciales de la enseñanza básica y también del equipo directivo de esa escuela. El objetivo general es identificar las dificultades encontradas por los sujetos de la investigación para evaluar a los estudiantes de forma remota. objetivos específicos: a- conocer el concepto de evaluación de los sujetos de investigación, b- comprender los límites de evaluar a distancia a los estudiantes, c- identificar las posibilidades de evaluar a distancia a los estudiantes, d- viabilizar la construcción de un producto que contenga definiciones de evaluación de las materias involucrados durante la investigación. La metodología de este trabajo fue diseñada y construida a través de cartas pedagógicas, que fueron enviadas a los sujetos de la investigación con el fin de conocer los límites y posibilidades de evaluar a distancia y también identificar el concepto de evaluación de cada participante. A partir de las cartas de respuesta se realizó un análisis, a través de este análisis se pudo percibir los límites y posibilidades que encuentran los sujetos al trabajar a distancia. Así como fue posible identificar el concepto de evaluación presente en las cartas de respuesta, en general prevaleció el concepto de evaluación diagnóstica en lo que respecta a la evaluación remota de los estudiantes.

Palabras clave: Evaluación. Enseñanza a Distancia. Letras Pedagógicas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 APRESENTAÇÃO	9
1.2 TRAJETÓRIA ACADÊMICA	10
1.3 UM CONVITE À REFLEXÃO...	12
2 CONTEXTO DA PESQUISA	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO CONCEITUAL	20
3.1 EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA	20
3.2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	25
3.3 TECNOLOGIAS DIGITAIS E TRABALHO DOCENTE	37
4 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	44
4.1 CARTAS PEDAGÓGICAS	45
4.2 INSTRUMENTOS	48
4.3 PARTICIPANTES	48
4.4 DIAGNÓSTICO	49
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CARTAS	54
5.1 PLANO DE AÇÃO	54
5.2 ESCRITA DAS CARTAS	54
5.3 RETORNO DAS CARTAS	55
5.4 ANÁLISE DAS CARTAS RESPOSTAS	56
5.4.1 Metodologia de Análise das Cartas	56
6. AVALIAÇÃO DA METODOLOGIA	66
7 TECENDO ALGUMAS CONCLUSÕES	67

8 CARTA PRODUTO	70
------------------------	-----------

9 REFERÊNCIAS	73
----------------------	-----------

10 ANEXOS

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

No presente relatório, apresentamos os resultados da pesquisa que teve como temática avaliação da aprendizagem de forma remota dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Realizada com professores (4º e 5º anos) do Ensino Fundamental e, também com a equipes diretiva, de uma escola pública estadual no município de Jaguarão /RS. A intenção foi problematizar os limites e possibilidades enfrentados pelos sujeitos da pesquisa no que se refere a avaliação dos alunos, no ensino remoto emergencial. Vale destacar que a escolha dessa temática emergiu a partir dos anseios e dúvidas do referido grupo em um grupo de WhatsApp da escola.

Com o advento da pandemia e conseqüentemente a suspensão das aulas presenciais, emergiu o ensino remoto emergencial. No entanto, afloraram também questões já existentes que ficaram mais presentes no que se refere à educação, tais como: falta de acesso ou acesso precário às ferramentas digitais, tanto por parte dos professores e também dos alunos.

No que se refere a avaliação, surgiu um outro problema, que é a avaliação, como avaliar os alunos dos anos iniciais no ensino remoto emergencial? E é este problema / questionamento que permeia esta pesquisa.

Assim, nossa proposta de pesquisa, justificou-se pelas dificuldades encontradas por professoras dos anos iniciais (1º a 5º anos) e também pela equipe diretiva da escola Joaquim Caetano da Silva, no que se refere, a avaliar de forma remota os alunos.

Este relatório reflexivo está organizado em 08 partes, sendo a primeira dedicada a introdução, subdividida em 3 partes: 1.1 dedicada a apresentação do relatório, 1.2 dedicada a trajetória acadêmica e 1.3 que é uma parte escrita em forma de carta, com o intuito de convidar aos leitores a ler e refletir a partir do

que foi exposto. Posteriormente está a contextualização, após encontra-se a terceira parte, que é dedicada ao referencial teórico conceitual, abrangendo assim temas pertinentes sobre a educação em tempos de pandemia, avaliação da aprendizagem e tecnologias e trabalho docente. Já a quarta parte se refere ao referencial teórico metodológico, dividido em cartas pedagógicas, instrumentos, participantes e diagnóstico. A quinta parte é dedicada à descrição e análise da intervenção está organizada em plano de ação, escrita das cartas e o retorno das cartas. A sexta parte é sobre avaliação da intervenção, enquanto que na sétima, também escrita em forma de carta, estão as considerações finais, na oitava estão as referências e os anexos estão na nona parte do relatório.

1.2 TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Neste capítulo, irei descrever minha trajetória acadêmica e conseqüentemente de vida, que culminou em ser mestranda. Nasci, cresci e ainda hoje resido em Jaguarão, por opção. Desde pequena ouvi pessoas dizendo que Jaguarão “é a cidade do já teve”, tal título foi atribuído por de acordo com moradores mais experientes (dentre eles meu pai) pelo fato de nossa cidade ter perdido ao longo dos anos: comércios, fábricas, clubes sociais, dentre outras tantas coisas que hoje não se fazem presentes na cidade, existindo apenas no imaginário certos saudosistas.

Sempre estudei em escola pública no município de Jaguarão-RS, porém, nunca almejei ingressar na graduação e pós-graduação pelo fato de não existir universidade pública aqui; já que, sempre fui uma provinciana convicta. Quando me defino como provinciana convicta, estou afirmando que gosto de morar aqui. De acordo com o Dicionário online português a palavra provinciana significa “*relacionado ou pertencente à província, ao local afastado da capital, do governo central: tradições provincianas*”.

Moro desde os dois anos de idade no bairro Kennedy, onde resido até hoje, fiz pré-escola e todo o ensino fundamental na escola municipal Marechal Castelo Branco no mesmo bairro. Escola essa que tive o prazer de realizar os dois estágios obrigatórios do Curso de Pedagogia (Educação Infantil e Séries Iniciais).

Já no ensino médio, cursei na escola estadual Carlos Alberto Ribas (1996), situada na parte central da cidade, nessa época optei em fazer o curso técnico em contabilidade.

Após concluir o ensino médio com habilitação em contabilidade, decidi ingressar no curso de magistério na escola estadual Espírito Santo (2000), também no centro da cidade. Nesse momento da minha vida, descobri que seria professora; lembro que eu era sempre voluntária quando a escola solicitava alguém para ajudar com os anos iniciais do Ensino Fundamental no turno da tarde.

No ano de 2006, comecei a trabalhar como professora numa escola de educação infantil da rede privada. No início desse mesmo ano, lembro como se fosse hoje, minha mãe pediu para eu ir comprar um jornal e vim lendo-o em plena rua. Foi então que uma notícia chamou minha atenção: a vinda da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Lembro que tal notícia causou alvoroço na cidade, lembrando que poucas pessoas acreditavam que nossa cidade seria contemplada com a vinda de uma universidade pública. Enquanto algumas pessoas buscavam por mais informações (que era meu caso), outras diziam que isso não passava de uma jogada política, que nunca Jaguarão teria uma universidade. Mesmo com a publicação da data do vestibular, os rumores continuaram e, nem o início da construção do prédio da universidade foi capaz de cessar tais rumores.

As provas do vestibular foram realizadas em dois dias, o local onde fiz as provas foi na escola estadual Joaquim Caetano da Silva, local onde atuei como professora. Ingressei na primeira turma de Pedagogia da UNIPAMPA, concluindo no ano de 2010. Em 2013, fui chamada para atuar como professora contratada no Estado, sendo dispensada em 2015 pelo fato de me recusar a trabalhar em outra cidade (Arroio Grande). Cursei duas especializações na UNIPAMPA, uma na área de ciências sociais e outra na de Letras. Em 2018 optei por retomar meus estudos, mas como não estava atuando na rede, não pude tentar uma vaga no mestrado. Entrei no curso de Letras Português/Espanhol e respectivas literaturas. No meio do referido ano, fui chamada novamente para

trabalhar como professora contratada no Estado. No ano de 2020, trabalhei em duas escolas com a disciplina de Produções Interativas nos anos iniciais do Ensino Fundamental (atendendo ao todo 10 turmas dos anos iniciais).

Em 2019, finalmente, o Mestrado Profissional em Educação – Campus Jaguarão, permitiu que professores contratados e licenciados sem vínculo com a rede pudessem participar do processo seletivo. Na ocasião, minha proposta de projeto era a avaliação de alunos fronteiriços em nossa cidade. No entanto, a mudança de orientadora e a chegada da pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2) em nosso país, fizeram com que eu mudasse de projeto. Assim, minha proposta de trabalho é analisar os limites e possibilidades dos professores dos anos iniciais em avaliar a aprendizagem dos alunos remotamente: um olhar a partir da Escola Estadual Joaquim Caetano da Silva. Sob orientação da professora Ana Cristina da Silva Rodrigues.

1.3 UM CONVITE À REFLEXÃO...

Queridas colegas...

Jaguarão RS, 19 de setembro de 2022.

Dedico a presente carta para minhas colegas do grupo de orientação, que assim como eu, sofreram os impactos da pandemia no processo de pensar metodologias e conseqüentemente nossas intervenções.

É com um sentimento de missão cumprida e alívio, que redijo estas singelas palavras, em um dia tão importante pois, além do dia da tão sonhada defesa, também é o dia do aniversário de Paulo Freire. Diferentes emoções tomam conta de mim, a alegria de finalmente concluir essa etapa acadêmica e gratidão pois apesar da pandemia, tenho ao meu lado todas as pessoas que amo.

Ao iniciar a preparação para minha qualificação e posteriormente a escrita do relatório reflexivo, lembrei-me imediatamente da escrita do projeto para participar do processo seletivo do Mestrado, muitas pessoas foram e ainda são até hoje importantíssimas nesse processo. Como esquecer o querido professor Everton Ferrer, que foi o primeiro a me incentivar a fazer a inscrição, ou mesmo

das minhas grandes amigas Rafaelli Lakman e Bárbara Vaz e Thamires Coelho que estiveram ao meu lado durante todo esse percurso. E o que seria de mim sem os ensinamentos e palavras de incentivo dos meus pais, meu irmão Marcelo Duarte, minha cunhada Larissa Lima, meu amado sobrinho Miguel e também do meu namorado Tiago Quiroga (que aguentou todas as minhas crises existenciais durante a escrita do relatório). Sem mencionar o gesto corajoso da professora Ana Cristina e suas orientandas (Gabrielle, Bianca, Letícia, Patrícia e Sandra) em me “adotar”.

Impossível encerrar este ciclo sem mencionar o quanto de vidas foram perdidas não apenas aqui, mas também no mundo inteiro, sem mencionar o quanto as atitudes e na maioria das vezes a falta de atitudes do atual “desgoverno” impactou e ainda impacta a cada dia de forma negativa todas as esferas da sociedade. No que se refere a ciência e a educação percebe-se um certo requinte de crueldade. Crueldade esta que se faz presente no corte de verbas, atrasos de bolsas (PET, PIBID, UAB...) enfim, assistimos diariamente o desmonte da educação.

O fato de vivemos tempos difíceis, onde o simples fato de dizer o que pensamos, tornou-se algo quase que proibido, nosso grupo de *WhatsApp* foi é um lugar de resistência, frente a todos esses acontecimentos caóticos, chegar até aqui é mais que uma grande vitória estar concluindo um curso de Mestrado Profissional Acadêmico, é um ato de resistência. Sou privilegiada por ter tido essa oportunidade ímpar de conhecer pessoas tão especiais nessa trajetória.

Pois é gurias, já fazíamos uso das ferramentas digitais, muito antes da pandemia, era algo comum nossa troca de mensagens, antes, durante e depois das aulas do mestrado ou mesmo das reuniões de orientação. No entanto, aconteciam de uma forma menos formal, ou seja, era algo para descontrair. É inegável que vivemos em um tempo altamente tecnológico, a todo o momento estamos imersos no uso de tecnologias, entretanto, provavelmente não estava nos planos de nenhuma de nós um mestrado cuja aulas e reuniões fossem de forma remota, muito menos pensarmos em estratégias para dar continuidade em as nossas pesquisas a distância. Lembro de nossos primeiros encontros (presenciais), onde o assunto era nossas intervenções, o céu era o limite,

falávamos em formações de professores e tantas outras ideias, todas pensadas para acontecer de forma presencial.

Fazemos parte da parcela da população com acesso às ferramentas digitais, fato este que contribuiu para que chegássemos até aqui. Mesmo com instabilidades nas nossas internetns ou mesmo a preocupação com a falta de luz constante (um problema antigo da nossa cidade), chegamos até aqui, na tão sonhada defesa do Mestrado.

Infelizmente, uma grande parcela da população não tem acesso ao uso da tecnologia, sem mencionar as pessoas utilizam as ferramentas digitais apenas com a finalidade de trocar mensagens. Mesmo assim, o segundo ano de mestrado foi solitário, cercado de medos e incertezas. Infelizmente alguns colegas de curso não chegaram ao final dessa jornada chamada de Mestrado.

Sei que não foi fácil para nenhuma de nós, ter que trocar nossas manhãs e noites de aulas presenciais por aulas remotas. No entanto, apesar da distância física, tive o privilégio de fazer parte dessa turma tão especial, que apesar da distância física, continuamos sendo uma turma unida. Não importa o dia e tampouco a hora, sempre tem alguém disposto a ajudar o outro. Impossível esquecer as noites de aulas presenciais, regadas a muita risada, chimarrão, bombons e principalmente troca de conhecimentos.

A chegada do coronavírus fez com que planos fossem adiados e repensados, não apenas as aulas tiveram que se adaptar, até mesmo nossa proposta de intervenção do Mestrado precisou ser adaptada, formações e rodas de conversas que aconteceriam normalmente de forma presencial, precisaram ser repensadas de forma que fossem possíveis pela internet. E no que se refere a mim e a Bianca (Arroio Grande), que já estávamos em meio a um processo de mudanças, não apenas de orientação, mas também de projeto, acredito que o impacto foi maior. Foi a primeira do nosso grupo a defender, inaugurando o formato de defesa por *meet*. A Bianca assim como eu, também foi adotada por esse grupo de orientação. Historicamente a avaliação é tida como algo assustador, divisor de águas na escola, algo que acaba classificando, rotulando alunos a partir de notas ou mesmo conceitos. Ainda muitos professores usam a

avaliação como um instrumento de poder e conseqüentemente de ameaça frente aos alunos. Para Luckesi (2010),

Os professores utilizam as provas como instrumentos de ameaça e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador da aprendizagem. Quando o professor sente que seu trabalho não está surtindo o efeito esperado, anunciam aos seus alunos: estudem! Caso contrário, vocês poderão se dar mal no dia da prova (...) (p.18-19).

A escola está em desvantagem com outros segmentos, o desencanto pela rotina escolar está cada vez maior. Sabemos que a realidade da sociedade de hoje é marcada por crianças desde a tenra idade que já fazem uso de celulares, *tablets*, mesmo antes de serem capazes de balbuciar palavras. Quantas vezes nos pegamos pensando em desistir?

Bonilla (2011) defende que,

Oferecer condições ao usuário para apenas acessar computadores não consegue dar conta de atender as demais necessidades e desejos dos sujeitos e das comunidades. Em função de várias deficiências no processo educacional dos brasileiros, a grande maioria necessita que nos projetos de inclusão digital sejam propostas dinâmicas formativas que ajudem a superar algumas das diversas lacunas que foram se constituindo em sua formação ao longo da vida. (BONILLA, 2011, p 96)

Em meio a tantas mudanças em nossas vidas, uma das mais significativas é o papel do *WhatsApp*, antes da pandemia era apenas uma rede social/aplicativo de troca de mensagens, seus grupos eram caracterizados por serem um lugar de descontração, cheio de *memes* engraçados e mensagens de bom dia, boa tarde, boa noite, enfim, eram considerados pela esfera escolar como marginalizado, proibido dentro de uma escola.

Hoje tornou-se um instrumento de suma importância também no mestrado, uma vez que, é através dele que nos comunicamos, marcamos reuniões, orientações, organizamos trabalhos e também fazemos troca de materiais.

De acordo com Freire (2013), os professores de tanto ouvirem da sociedade e de seus pares que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isso, terminam por se convencer de sua “incapacidade”.

Foi pensando em todos os aspectos apontados que vimos na carta pedagógica uma perfeita alternativa. Carta pedagógica é considerada um gênero discursivo específico criado por Freire, ele tinha o hábito de enviar cartas para aqueles que tinham como objetivo educar e ensinar. Tornou-se uma marca registrada do referido autor, presentes até hoje entre aquelas pessoas que se consideram amantes das teorias freireanas.

Dessa forma, espero que essas singelas palavras, tenham despertado em vocês a curiosidade em ler esse relatório e também de tecer reflexões a partir dele. *“É preciso que a leitura seja um ato de amor”* (Paulo Freire)

Atenciosamente, Luciane.

2 CONTEXTO DA PESQUISA

*“Ninguém liberta ninguém.
As pessoas se libertam em comunhão”
(Freire,2013)*

Esta pesquisa foi realizada no município de Jaguarão/RS, na escola Estadual de Educação Joaquim Caetano da Silva. A escolha dessa escola se deu por dois motivos: o primeiro é porque eu atuei como professora dessa escola e, por esta razão, tenho certa abertura para desenvolver o projeto de intervenção; o segundo motivo é a oportunidade de realizar uma intervenção em uma da rede estadual, visto que, de acordo com os projetos de pesquisa disponíveis na página do curso de Mestrado, foi possível perceber que grande parte das intervenções no município de Jaguarão RS, foram realizadas na Rede Municipal de Educação.

A Secretaria de Turismo do Estado do RS destaca que o município de Jaguarão se situa no extremo meridional do Brasil, na fronteira com a República Oriental do Uruguai. A cidade é reconhecida nacionalmente por seus sítios arquitetônicos, que constituem um acervo considerado sem similar em número e estado de conservação no Rio Grande do Sul. Percebe-se o destaque, neste cenário, para os refinados casarões elaborados nos últimos decênios do século XIX e princípios do século XX, período que demarca a fase áurea da construção civil local.

De acordo com Franco (1979), a denominação de Jaguarão se deu em função do rio que possui o mesmo nome, rio esse que cruza a zona fronteira. Diferentes teorias sobre a origem do nome da cidade são atribuídas a sua origem, a mais conhecida é a lenda indígena do JAGUA-RU, que seria um monstro que vivia no rio Jaguarão e que pegava suas vítimas nas margens do rio, segundo a lenda, tal monstro se alimentava apenas dos pulmões das vítimas.

Jaguarão surgiu a partir de um acampamento militar português, durante muitos anos Portugal e Espanha reivindicaram esse território, fontes orais apontam que antes mesmo da instalação do acampamento militar português,

havia aqui um povoado espanhol, que até escola teria. A escola seria onde hoje está o prédio da Biblioteca Pública.

De acordo com as fontes, o acampamento tornou-se vila e teve vários nomes, até que foi instituído em 1832 por ato regencial de Dom Pedro II, o município de Jaguarão. Em 1855, foi finalmente elevado à cidade.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Joaquim Caetano da Silva é a mais antiga de Jaguarão, criada em 1913, na época chamava-se Colégio Elementar. Em 1936, passou a denominar-se Colégio Elementar Joaquim Caetano da Silva. Iniciou suas atividades onde hoje funciona a Escola Estadual Carlos Alberto Ribas.

O atual prédio foi construído após a demolição do antigo quartel do exército e está situado na Rua 27 de Janeiro, em frente à famosa Praça do Regente e em diagonal com o antigo prédio do Cine Regente, onde atualmente funciona, de maneira provisória, a rodoviária de Jaguarão. O prédio da escola foi inaugurado em 1941 e as atividades escolares iniciaram em 1942. O prédio é grande e arejado, possui várias aberturas, salas e corredores com muito espaço. Ao entrar pela porta principal, a sensação é de que estamos voltando no tempo, dado o aspecto antigo e ao mesmo tempo imponente do prédio da escola. Aspecto este que fica mais forte ao ver o piano centenário situado ao pé da escada grandiosa.

Percebem-se alguns traços do tempo, tais como: pequenas rachaduras e pintura descascando, porém, o cheiro de limpeza e a variedade de plantas dentro da escola fazem com que os reparos necessários passem quase despercebidos.

O fato de o prédio ser antigo mexe com o imaginário dos alunos e da comunidade. Diversas histórias de fantasmas circundam a escola, existem vários relatos por parte dos funcionários de portas e janelas batendo sem nenhum vento, classes e cadeiras que se arrastam de um lado para o outro no segundo piso depois do encerramento das atividades. Ou mesmo o som do piano após a meia noite e luzes que acendem e apagam sozinhas, vultos que passam por funcionárias e simplesmente somem no final do corredor. Todas essas histórias

ou lendas só contribuem para a consolidação da importância de tal escola para a comunidade em geral.

A atual gestão da escola é formada pela diretora e duas vices, as mesmas, assim como outras diretoras da rede estadual, conseguiram trazer para a escola uma turma de pré-escolar em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, uma vez que, as turmas de pré-escolar foram na maioria das escolas estaduais, apenas as escolas que oferecem o curso de Magistério, continuam com turmas de pré-escolar estaduais.

No final de 2019, teve início na China uma pandemia sem precedentes, uma síndrome respiratória gravíssima (COVID-19) causada por um novo coronavírus altamente contagioso (SARS-COV-2). No final do mês de fevereiro, foi diagnosticado o primeiro caso no Brasil em São Paulo, rapidamente, o vírus se espalhou por todo nosso país.

Medidas drásticas foram tomadas para tentar conter o vírus, isolamento social, fechamento das escolas, universidades, comércios, espaços públicos, fronteiras, uso obrigatório de máscaras, álcool gel, número limitado de pessoas em todos os espaços fechados, proibição de reuniões de amigos e familiares, espaços religiosos também foram proibidos de abrir as portas.

O advento da pandemia ocasionou a suspensão das aulas presenciais, tudo mudou e continua mudando a cada dia. Tais mudanças afetam drasticamente o modo de avaliar, repentinamente, professores tiveram e têm o desafio diário de dar aulas remotamente.

Sabemos que os alunos vivem realidades diversas, enquanto alguns têm acesso à internet e aparelho de qualidade, outros precisam dividir um aparelho celular com todos os membros da família e, há aqueles que precisam contar com a boa vontade de vizinhos para terem acesso à internet e, até mesmo, a um celular ou computador. Assim como, há professores que apresentam algumas dificuldades em fazer uso das ferramentas digitais, tais como: vídeos, aulas pela plataforma *Meet*, dentre outras, precisam também fazer um planejamento levando em conta que o aluno que irá pegar material impresso não tem acesso às ferramentas digitais.

3 REFERENCIAL TEÓRICO CONCEITUAL

***“Ensinar não é transmitir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”
(Freire, 1996)***

Neste capítulo será abordado o referencial teórico conceitual, com ênfase às questões ligadas à educação em tempos de pandemia e, aspectos legais sobre avaliação e terminado este tópico vem a tecnologia e o trabalho docente. Este trabalho está fundamentado a partir das concepções dos seguintes: Paulo Freire, Boaventura Souza Santos, Jussara Hoffman, Fernanda Paulo, Juliana Brandão, Bonnila, dentre outros.

A escolha de trabalhar com embasamento teórico a partir da pedagogia freiriana foi porque este renomado autor, estabeleceu uma matriz teórica arraigada com a prática, Freire uniu em sua vasta obra suas vivências. E foi entrelaçando sua vida pessoal e profissional que Paulo Freire construiu seus aportes teóricos, sempre agregando com sua visão de mundo, sua visão de mundo e seus aportes teóricos até hoje são considerados atuais e essenciais para a educação em todas as esferas.

A partir do exposto acima, o ponto 3.1 será dedicado a questões que envolvem a educação em tempos de pandemia.

3.1 EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

“Não existe docência sem discência” (Freire, 1996)

Parece-me imprescindível trazer para esse trabalho, os impactos causados pela pandemia no cenário da educação, estes impactos acentuaram a desigualdade social que já se assolava na sociedade. Todas as esferas da sociedade foram afetadas pela pandemia, certamente algumas mais que outras, os reflexos são visíveis na economia, saúde (física e mental) chegando às salas de aula. Nas palavras de Santos (2020) *“O surto viral pulveriza este senso comum e evapora a segurança de um dia para o outro”*. (p.07)

Santos (2020) destaca que:

Os moradores nas periferias pobres das cidades, favelas, barriadas, slums, caniço, etc. Segundo dados da ONU Habitat, 1,6 mil milhões de pessoas não tem habitação adequada e 25% da população mundial vive em bairros informais sem infraestruturas nem saneamento básico, sem acesso a serviços públicos, com escassez de água e de eletricidade. Vivem em espaços exíguos onde se aglomeram famílias numerosas. Em resumo, habitam na cidade sem direito à cidade, já que, vivendo em espaços desurbanizados, não têm acesso às condições urbanas pressupostas pelo direito à cidade. Sendo que muitos habitantes são trabalhadores informais, enfrentam a quarentena com as mesmas dificuldades acima referidas. Mas além disso, dadas as condições de habitação, poderão cumprir as regras de prevenção recomendadas pela OMS? (SANTOS, 2020, p.18)

Diante do exposto acima, torna-se necessário ter um olhar para os problemas que a pandemia acentuou, sem fechar os olhos para o impacto dessa realidade na escola.

Antes mesmo da pandemia que trouxe tantas mudanças e dúvidas para a comunidade escolar, a escola já estava em “crise”, tal como aponta Silva (2010)

Vivemos em tempos de transições, de mudanças paradigmáticas, de rupturas, de busca de novas verdades e explicações. (...) não há um caminho tranquilo que nos garanta uma direção certa para nossas vidas. Somos desafiados a correremos o risco de sermos responsáveis por nós mesmos como sujeitos históricos, arquitetos dessa complexa sociedade, na mesma medida que estamos órfãos de nossas antigas certezas. Não existe mais um porto previamente seguro. (SILVA, 2010, p.19)

Em meados do mês de março (2020), as aulas presenciais foram suspensas em todo território nacional, em todos os níveis da educação (desde a Educação Infantil até a pós-graduação) pública e privada. As migrações das aulas presenciais para o ensino remoto, com essa migração das desigualdades sociais, mais uma vez acabaram por ficarem em evidência. Machado (2020) destaca que em um espaço curto de tempo, professores tiveram que passar a trabalhar de uma forma muito diferente a que estavam acostumados. Todos sofremos de algum modo os impactos da pandemia, pode-se dizer que em todas as esferas que compõem nossa sociedade, não é apenas a área da educação que foi e está sendo afetada. Basta ligar a televisão, rádio, acessar qualquer rede social que inevitavelmente o assunto do momento é o vírus e os impactos da pandemia em nossas vidas. Não só os professores tiveram que se reinventar

rapidamente, alunos e suas famílias também precisaram lidar com as tecnologias digitais para ter acesso às aulas remotas.

Com o advento do coronavírus, além dos impactos sanitários e econômicos, a sociedade brasileira tem de lidar com outro vírus, o vírus da, da desinformação, da ignorância e agregado a eles, o vírus da desigualdade. Nesse viés, Charczuk (2020), afirma que a falta de ações para combater ou mesmo para incentivar práticas de prevenção em tempos pandêmico,

É importante enfatizar, ainda, que as diretrizes (ou falta delas) por parte do atual presidente Jair Bolsonaro, bem como sua posição negacionista diante da letalidade do novo vírus, fez que as medidas de distanciamento social se efetivassem de modo errante e não coordenado. (CHARCZUK, 2020, p.02)

O artigo de Charczuk foi escrito ano passado (2020), importante ressaltar que ainda hoje, uma grande parcela da sociedade brasileira e também mundial continua a presenciar o negacionismo por parte do “presidente” do Brasil. Infelizmente hoje, a sociedade está dividida entre aqueles que simplesmente ignoram a existência da pandemia, enquanto outra parcela está se imunizando (vacina). E esse impasse posto na sociedade, reflete na educação.

De acordo com o Censo Escolar de 2019, havia 47,9 milhões de alunos matriculados no Brasil na educação básica, nas escolas públicas e particulares. Machado (2020) chama a atenção para o fato de que, apesar de os alunos estarem junto com suas famílias, isso não significa que eles terão mais tempo e conseqüentemente uma ajuda de seus familiares nas tarefas escolares. Pelo fato de que com a chegada da pandemia, surgiram problemas tais como: medo de perder o emprego, quem vai dar a devida assistência aos alunos no horário em que eles deveriam estar na escola e que agora estarão em período integral em casa. Além da preocupação com a própria pandemia.

No que diz respeito, mais especificamente, aos modos de sustentar espaços para o ensino, a aprendizagem e o exercício da docência nesse contexto, uma estratégia que se disseminou no país foi a adoção de recursos remotos, principalmente o uso da internet, a fim de possibilitar aos professores dos diversos níveis de ensino o envio e compartilhamento de materiais didáticos e atividades com os alunos. Tal estratégia ocasionou uma série de críticas e resistência dos envolvidos (isto é, professores, familiares e alunos), como também a sociedade civil. (CHARCZUK, 2020, p.02)

A suspensão das aulas presenciais e a consequente implantação de aulas em plataformas digitais trouxe uma oportunidade única para professores repensarem suas práticas diárias, métodos de avaliação, sem mencionar a oportunidade de se reinventar. Claro que a maneira como tudo isso chegou até a escola como um todo não foi adequada, sabemos que se o uso das plataformas acontecesse de forma gradual, com formações adequadas que levassem em conta a realidade de cada contexto escolar, tudo aconteceria de uma maneira mais tranquila.

Por outro lado, essa migração das aulas presenciais para o mundo virtual, trouxe e mostrou vários problemas que passavam despercebidos. Tais como: falta de qualificação de professores, infraestrutura precária das escolas e dificuldade de acesso dos alunos à internet e ferramentas digitais.

SANTOS (2020) afirma que antes mesmo da pandemia, uma crise na sociedade já existia:

Assim temos vivido nos últimos quarenta anos. Por isso, a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita. Daí a sua específica periculosidade. Em muitos países, os serviços públicos de saúde estavam mais bem preparados para enfrentar a pandemia há dez ou vinte anos do que estão hoje. (SANTOS, 2020, p. 06)

No início do mês de junho (2020), iniciou a implantação das aulas remotas nas escolas estaduais, de acordo com a SEDUC (2020), a plataforma *Google Classroom* possibilita uma interação entre professores e alunos. De fato, ocorreu uma interação em tempo real com uma parte dos alunos, no entanto, para uma parcela significativa, o uso da plataforma tornou-se uma maneira de excluir os alunos.

Inicialmente houve uma capacitação em duas etapas, nos meses de junho e julho, a primeira foi chamada de Ambientação Digital, momento de inserir professores e alunos na plataforma. Na segunda, aconteceram capacitações em Letramento Digital para os professores, com o objetivo de prepará-los para as aulas remotas.

O letramento digital, na perspectiva proposta pelo Estado, compreende: *Google Chrome, Gmail, Docs, planilhas, Drive, agenda, Forms, Meet,*

apresentações, *Classroom*, oficina de práticas pedagógicas sobre aprendizagem baseada em problemas, oficina de práticas pedagógicas sobre sala de aula invertida e oficina de práticas pedagógicas com TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) educacionais.

É inegável o mundo de opções que trabalhar com uma plataforma como o *Google Classroom* pode proporcionar, trazendo assim uma nova forma de trabalhar com as ferramentas tecnológicas. Tais tecnologias propiciam uma aula mais dinâmica, interessante, bem diferente daquelas aulas sem motivação e totalmente engessada em conceitos ultrapassados que em nada preparam nossos alunos para uma sociedade altamente tecnológica.

Até meados do mês de outubro do ano passado, não sabíamos como seria essa avaliação dos conhecimentos digitais dos alunos, e, muitos alunos ainda não haviam acessado a plataforma, e alguns não conseguem anexar as tarefas. Sabemos que muitos alunos não estão tendo acesso à internet por variados motivos, assim como, sabemos que muitos professores também estão com sérias dificuldades em trabalhar de forma remota. Porém, não podemos ignorar o fato de que muitos alunos estão sim tendo acesso à plataforma e estão adorando as aulas remotas, da mesma forma que muitos professores estão se reinventando.

Uma das preocupações acerca do uso da internet em sala de aula pode estar fundada na ideia de que o objetivo maior das tecnologias nos espaços escolares seja substituir o professor. Entendo que este fato aumenta a recusa de alguns professores em relação ao uso de tecnologias em sala de aula, assim como também há uma grande preocupação acerca de que maneira esta tecnologia será usada no espaço escolar.

É inegável a importância do professor no ensino remoto, visto que criaram e criam diariamente estratégias para tentar manter vínculos com os alunos, famílias e escolas. Além de ter que lidar com as novas ferramentas tecnológicas, reinventar seus planejamentos, sem mencionar a perda de sua privacidade.

A única certeza que temos é que não importa se as aulas são presenciais ou remotas, não há aula sem alunos e professores. Em ambas as modalidades

de ensino há avaliação, por isso, o próximo tópico (3.2) é dedicado a questões e conceitos ligados à avaliação no ensino remoto emergencial.

3.2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre” (Freire,1989)

Primeiramente, se faz necessário para iniciar a escrita sobre avaliação, trazer o significado da própria palavra, de acordo com Michel Barlow (2006), o significado da palavra avaliação é ambíguo, pois, dependerá do motivo pelo qual está sendo utilizado. Barlow trabalha numa perspectiva que o verbo avaliar conota, de tal maneira que se torna fácil compreender que tal verbo tende a assumir sua definição de acordo com suas finalidades.

Assim, ainda de acordo com o autor citado acima, a palavra avaliar é definida invariavelmente como o ato de julgar algo ou alguém. Barlow afirma que:

É por isso que os dicionários “generalistas”, mesmo os mais recentes, ignoram solenemente o uso da palavra avaliar em matéria de educação. Eles também revelam com muita serenidade todas as contradições e as ambiguidades que o verbo comporta em si. (BARLOW, 2006, p.12)

Ainda à luz das concepções de Barlow, é possível perceber que, de acordo com o autor, há uma relação entre as palavras avaliar, educar, ensinar e valor. É possível perceber que tal relação está presente na avaliação escolar, pois em grande parte das escolas, a avaliação é tida como uma forma de mensurar o conhecimento adquirido pelos alunos.

Assim, pode-se dizer que para Barlow, a avaliação escolar, pode ser definida como:

Enquanto que a razão de ser da avaliação para Silva (2010), está pautada em:

A razão de ser da avaliação está em “acompanhar” interativa e regulativamente se objetivos pedagógicos estão sendo atingidos. Os processos avaliativos visam aproximar as formas de planejar, de

ensinar, de aprender e também de avaliar através da coleta do maior número possível de informações que sejam relevantes para a melhoria da qualidade social do trabalho pedagógico. (SILVA, 2010, p.58)

A concepção de avaliação defendida por Paulo Freire é aquela que surge a partir da interação, mediação que ocorre entre professor e aluno, ou seja, está ligada às aprendizagens de ambos, não há assim um único detentor responsável por avaliar. Todos vivemos num constante processo de avaliação dentro e fora de ambientes escolares, tal prática está tão arraigada no cotidiano que nem percebemos, devido a ser algo que surgiu mesmo antes da própria escola. Assim, avaliar é muito mais que atribuir notas aos alunos.

Não é possível praticar sem avaliar a prática. Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos avançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões. A avaliação corrige a prática, melhora a prática, aumenta a nossa eficiência. O trabalho de avaliar a prática jamais deixa de acompanhá-la. (FREIRE, 1997, p. 47).

Impossível escrever sobre avaliação sem pensar como tal prática está tão arraigada na vida de todos nós. Vivemos num constante processo de avaliação dentro e fora de ambientes escolares, avaliar está tão arraigado no cotidiano que nem percebermos. Assim, avaliar é muito mais que atribuir notas aos alunos. A avaliação é uma prática muito antiga, mais antiga que a própria escola.

A escolha da avaliação está intimamente ligada ao conceito de avaliação do sujeito inserido no processo de avaliar possui, assim é possível classificar o processo avaliativo em: avaliação diagnóstica ou inicial, avaliação formativa, avaliação emancipatória, avaliação somativa e avaliação classificatória.

Primeiramente, é preciso entender que cada avaliação tem sua própria função, para Silva (2010) existem três funções que norteiam o processo avaliativo: função diagnóstica e prognóstica, função reguladora e função somativa. Sobre a função diagnóstica e prognóstica, o autor ressalta que:

(...) responde às seguintes perguntas: quem são nossos alunos? A que comunidade pertencem? Que desejos possuem? Que necessidades existenciais e cognitivas trazem? Que sabem sobre o que queremos ensinar? Como constroem seus saberes e suas competências? Que são capazes de aprender a partir do que sabem? (...) essa função avaliativa mapeia a história de vida, os saberes, as competências e os estilos de aprendizagens para que nosso trabalho pedagógico seja significativo para os aprendentes (...) (SILVA,2010, p.75)

Enquanto que para o mesmo autor, a função reguladora é aquela que:

(...) serve para sabermos os efeitos de nossa ação educativa para podermos replanejá-la durante o cotidiano escolar com o intuito de desenvolvermos situações didático-pedagógicas mais condizentes às reais necessidades dos aprendentes e possamos também conscientizar o próprio aprendente de sua trajetória de aprendizagem, para que promova suas autorregulações (...) (SILVA,2010, p.76)

Por fim, a terceira função apresentada por Silva (2010) é a função somativa,

A função somativa dá-se ao final de um determinado tempo pedagógico para sabermos qual o estado da arte de nosso trabalho, o que alcançamos em relação aos objetivos previstos e emergidos e as necessidades socioeducativas dos aprendentes. É o momento de escrever um parecer descritivo e interpretativo da situação de aprendizagem e não aprendizagem dos alunos através das comunicações integradoras. (SILVA, 2010, p.76)

De acordo com Meneghel e Kreisch (2009), conceituam a avaliação classificatória como:

Quando a avaliação tem por foco a capacidade de reprodução de determinado conteúdo repassado pelo professor, são bons alunos os de maior capacidade mimética. Nessa perspectiva, ela é realizada apenas no final do processo de aprendizagem, a fim de medir seu produto final, atuando como instrumento de coleta de “nota” Luckesi (2000) que classifica os alunos como “bom”, “médio” ou “inferior” sem considerar um processo de reflexão autônoma. Por isso diz-se que esta avaliação tem caráter classificatório. (MENEGBEL E KREISCH, 2009, p.9822)

As autoras mencionadas acima, lembram que a avaliação classificatória é uma herança do ensino considerado tradicional, ou seja, uma avaliação cujo objetivo seja pautado em classificar alunos de acordo com suas notas, dividindo dessa forma os alunos em dois grupos: os que “sabem” e os que “não sabem”

A avaliação classificatória é, portanto, herança do ensino tradicional em que a metodologia de ensino é centrada na reprodução de uma técnica/conteúdo e na aquisição de habilidades, de modo que há ênfase no ‘fazer’ ditado pelo professor e não no conhecimento construído pelos estudantes. Com isso, não há processo de reconstrução do saber, mas, sim, a preocupação com avançar no conteúdo previsto nas unidades do livro. Ou seja: o papel e a função da educação, para o qual contribui a avaliação, é fazer dos alunos cópias fiéis/reprodutoras do que foi ditado pelos professores, chegando à perfeição do original. Como é realizada apenas no final do processo de aprendizagem, tendo o poder de impedir a trajetória escolar do

estudante, também se diz que a avaliação classificatória possui caráter frenador e que traz danos a este. (MENEZES E KREISCH, 2009, p.9822)

Pode-se dizer que a avaliação classificatória serve a favor de um grupo privilegiado, de acordo com Freire, há opressores e oprimidos,

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação –a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE, 1987, p.19)

Ao avaliarmos, sempre partimos de algo a ser considerado ideal, ou seja, já temos em mente o que deverá ser considerado como resposta ideal. Jussara Hoffman defende que a avaliação não deve ser usada como um instrumento de poder do professor para com o aluno, avaliar deve ir muito mais além de verificar se o aluno “aprendeu” o que foi “ensinado” ou “transmitido” pelo professor.

Assim, o objetivo aqui é fazer um breve retrospecto sobre alguns decretos e leis que regulam a avaliação. Vale destacar que historicamente a avaliação é tida como algo assustador, divisor de águas na escola, algo que acaba classificando, rotulando alunos a partir de notas ou mesmo conceitos. De acordo com o Decreto nº 19. 890/31 (1931), a avaliação não foi mencionada, foram utilizadas apenas as palavras provas e exames, nessa perspectiva, cabe exclusivamente ao professor, assessorado por um inspetor, o julgamento de provas parciais e finais.

O decreto de 1932, nº 21. 241 não trouxe nenhuma mudança no que se refere à avaliação. Já de acordo com o Decreto-lei nº 4.244/42, cap. IV, art. 30: menciona a palavra *avaliação*, destacando que *será realizada a partir dos resultados em exercícios e exames por meio de notas de zero a dez.*

Não podemos esquecer que a Reforma Capanema permaneceu em vigor até ser aprovada a Lei nº 4.024, em 20 de dezembro de 1961, que fixou as diretrizes e Bases da Educação. Eis que a partir daqui é mencionada a avaliação

da aprendizagem e, a avaliação é entendida como um procedimento para julgar o aproveitamento do aluno quanto ao seu grau de aprendizagem que é considerado satisfatório ou não para a série em curso.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em vigor desde 20 de dezembro de 1996, Lei nº 9.394, dispõe em seu art. 24, inciso V, sobre a avaliação do rendimento escolar. Menciona também a aceleração de estudos e também a possibilidade de avanço nas séries e também regulamenta os estudos de recuperação.

Assim, de acordo com a LDB, a avaliação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos; (LDB, 1996,p.)

Já de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais a avaliação da aprendizagem deve compreender o ensino oferecido, a atuação do professor, o desempenho do aluno, a estrutura da escola, as ferramentas auxiliares promovidas no ensino e a metodologia utilizada. Atualmente, a educação tem sofrido uma série de reformulações no intuito de resgatar a individualidade de cada estudante, promovendo de forma contundente sua inserção na presente sociedade. O aluno precisa sentir segurança em relação ao trabalho desenvolvido pela escola e seus colaboradores, para que produza resultados satisfatórios. Através de aulas bem elaboradas e trabalhadas, seguidas de uma avaliação moldada de acordo com os PCN's esse sucesso será alcançado. ao construir uma avaliação sobre determinado conteúdo, para tanto, a avaliação deve ser capaz de permitir que o aluno percebe os avanços e eventuais dificuldades que circundam determinado

conteúdo. Deve também promover para que o aluno assimile a relação entre o ensino e a aprendizagem.

A avaliação de acordo com os PCNs também precisa perceber o nível de conhecimento que o aluno possui e também precisa conter questões discursivas que sejam capazes de propiciar oportunidades para que o aluno consiga seus conhecimentos para responder tais questões. Fazendo sempre que possível relação com o que está sendo estudado com eventuais acontecimentos do seu dia a dia.

Já a Base Nacional Curricular Comum (2017), surge com o objetivo de modificar o currículo dos estudantes da Educação Básica, no entanto, o relevante é de qual o papel da avaliação escolar presente na BNCC, primeiramente, o referido documento traz concepções que norteiam a mudanças significativas. A avaliação deve ser concebida de forma coletiva e que venha a contribuir de forma que contemple a realidade vivida pelos alunos.

Percebe-se que a avaliação poderá ser formativa, com o objetivo de analisar de forma geral o estudante. Ou seja, a BNCC sugere que a avaliação global seja implementada para melhor contribuir para o pleno desenvolvimento do aluno.

Gomes (2014), com tantas mudanças ocorrendo, é preciso que professores busquem novos métodos de avaliação, com o objetivo de conquistar seu espaço no processo educativo. Dessa forma:

Além das pressões advindas da sociedade em relação à escola, é importante considerar as modificações provocadas pelas próprias políticas educacionais. Trata-se de programas de governos municipais e estaduais que apontam novos caminhos para a educação. (GOMES, 2014, p. 18)

No que se refere especificamente a Rede Estadual de ensino do RS, é importante destacar que até o ano letivo de 2019 todos os professores eram orientados e também cobrados a trabalhar de maneira interdisciplinar, ou seja, não fragmentavam os conteúdos. Em meados de 2020, a avaliação volta a ser provas e trabalhos avaliativos e também retorna a ser de 1 a 100. Deixando de lado os pareceres descritivos e também os conceitos de CSA (aprovado), CPA

(aprovado parcialmente) e CRA (reprovado), lembrando que nos três conceitos citados, deveria ser levando em conta todo o processo do aluno ao longo do trimestre e não apenas o momento da prova avaliativa.

Com a chegada da pandemia e a implantação do ensino remoto, notas e pareceres foram temporariamente “deixados de lado”, uma vez que, todos os esforços da comunidade escolar estão voltados para tentar manter um vínculo com os alunos.

Enfim, em pleno ano de 2021, a avaliação retorna a ser aferida através de notas de zero a dez, tal como acontecera no ano de 1932. Devemos entender isso como um avanço ou um retrocesso?

Ao avaliarmos, sempre partimos de algo a ser considerado ideal, ou seja, já temos em mente o que deverá ser considerado como resposta ideal. Jussara Hoffman defende que a avaliação não deve ser usada como um instrumento de poder do professor para com o aluno, avaliar deve ir muito mais além de verificar se o aluno “aprendeu” o que foi “ensinado” ou “transmitido” pelo professor.

Segundo Hoffman (2011),

A objetividade e a subjetividade são geralmente entendidas referindo-se à “forma de elaboração” das questões de um teste. No entanto, é pela correção, justamente, que as questões se caracterizam em “objetivas” ou “subjetivas”. (2011.p.52)

Ainda à luz das ideias de Hoffman (2011), para que uma avaliação possa ser considerada como algo inovador, faz-se necessário primeiramente melhorar a qualidade do ensino e principalmente superar práticas consideradas tradicionais. A autora ainda chama atenção para o fato de que muitos educadores se “agarram” a velhas práticas de avaliação tradicional, pois acreditam que manter uma avaliação classificatória é a melhor maneira de manter uma educação de qualidade. Tal crença acaba por contagiar a sociedade, muitos pais acreditam que professores que não tomam a avaliação tradicional como a ideal são menos exigentes e menos eficientes em seu trabalho docente.

A secretária de educação do RS, defende que :

Cada vez mais o professor, hoje, entende que avaliação não é punição, não é ranqueamento, não é categorização. "Avaliação e tecnologia são ferramentas cada vez mais indispensáveis para o trabalho humano, porque o trabalho dos professores é humano, na sala de aula". (secretaria do RS, 2021)

Hoffmann (2009) resume em poucas palavras as principais diferenças entre uma avaliação tradicional e uma avaliação mediadora, a primeira resume-se na memorização, notas altas, obediência e passividade, já a avaliação mediadora tem seu foco na aprendizagem, compreensão, questionamento e participação.

A autora mencionada acima, chama atenção para o fato da importância de os alunos serem acompanhados em todas as etapas, com o intuito de contribuir efetivamente o resultado de cada processo avaliativo dos alunos. No entanto, para Hoffmann é justamente durante esse processo, que muitas vezes acontece o processo de exclusão dos alunos por meio de uma avaliação excludente.

Historicamente a avaliação é tida como algo assustador, divisor de águas na escola, algo que acaba classificando, rotulando alunos a partir de notas ou mesmo conceitos. Ainda muitos professores usam a avaliação como um instrumento de poder e conseqüentemente de ameaça frente aos alunos. Para Luckesi (2010),

Os professores utilizam as provas como instrumentos de ameaça e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador da aprendizagem. Quando o professor sente que seu trabalho não está surtindo o efeito esperado, anunciam aos seus alunos: estudem! Caso contrário, vocês poderão se dar mal no dia da prova (...) (p.18-19).

A avaliação é tida como algo assustador, divisor de águas na escola, algo que acaba classificando, rotulando alunos a partir de notas ou mesmo conceitos. Ainda muitos professores usam a avaliação como um instrumento de poder e conseqüentemente de ameaça frente aos alunos. Para Luckesi (2010),

Conceituar o projeto político-pedagógico de uma é tarefa muito difícil. No entanto, a tentativa de compreender os seus conceitos fundamentais torna-se importante quando queremos ou somos solicitados a elaborá-lo. Por isso, é fundamental refletirmos e reconstruirmos esses conceitos para que esse processo se articule em nossas ações cotidianas. (p.90)

Silva (2004), chama atenção para o fato que estamos vivendo um momento de mudanças e questionamentos e, tais mudanças acabam chegando também às escolas. Se a sociedade vem sofrendo transformações, a escola não pode ou deveria se manter com os mesmos valores tão ultrapassados. Dessa forma, para pensar na avaliação como um todo, faz-se necessário primeiramente rever o papel que a escola, professores e avaliação possuem hoje frente a uma demanda da sociedade que vem se transformando rapidamente.

Conhecer o que diz no Projeto Político Pedagógico da escola Joaquim Caetano da Silva é de suma importância, pois nele, conforme Veiga (2012), a avaliação deve ser diagnóstica e qualitativa.

O Projeto Político Administrativo Pedagógico norteia as ações da escola, alicerçado nos fins da educação, respeitando as disposições legais, a Gestão Democrática do Ensino, a Reestruturação Curricular da Educação Básica e a realidade da comunidade. O Projeto Político Administrativo Pedagógico contempla a fase de desenvolvimento e a possibilidade de construção de projetos de vida. Elaborado pela comunidade escolar juntamente com o Conselho Escolar e aprovado pela mantenedora (PPP, 2015).

Gomes (2015) concebe que o Projeto Político Pedagógico deve atender certos requisitos, tais como:

Entendo também que cabe ao projeto Político Pedagógico (PPP) da escola realizar essa tessitura do fazer instituinte com o instituído, da vida assumida com as condições sociais e materiais necessários à continuidade das ações. A sua importância está na gestão compartilhada por todos. Isso significa organizar e conduzir as práticas diferenciadas que promovam as aprendizagens pretendidas. (GOMES, 2015, p. 27)

Já o regimento escolar da referida escola, menciona a avaliação em dois momentos, primeiramente a avaliação institucional e a avaliação de aprendizagem.

A escola realiza anualmente o seu diagnóstico e a avaliação de todas as dimensões e indicadores elencados no sistema institucional, a fim de subsidiar a elaboração e/ou readequação do Plano de Gestão. A avaliação envolve todos os segmentos da Comunidade Escolar. (Regimento Escolar, 2017)

De acordo com este documento, a avaliação institucional é realizada anualmente pela escola e, seu diagnóstico leva em consideração todos os indicadores e dimensões presentes no sistema institucional, com o objetivo de

reformular o que for necessário. O Regimento Escolar ainda traz que a avaliação envolve todos os segmentos da comunidade escolar.

No que se refere, a avaliação da aprendizagem, ela deve ser emancipatória para ser possível diagnosticar avanços e entraves, para assim haver uma intervenção no que for necessário. Deve ser também diagnóstica e formativa

Na avaliação realizada em cada área de conhecimento, o professor necessita utilizar vários instrumentos para avaliar individualmente a aprendizagem do aluno, tais como: produções textuais, gráficas, estudos de caso, portfólios, questões dissertativas, produção de jogos lógicos, registro de experimentação científica, elaboração e aplicação de roteiros de entrevistas, produção de mapas, elaboração de diários de campo, construção de diários virtuais, elaboração de relatórios e projetos (Regimento Escolar, 2017).

Na teoria é tudo perfeito e bem planejado, muito diferente da prática. Na prática o Estado possui uma plataforma digital maravilhosa, cheia de recursos, mas a questão a ser respondida é: de que maneira usufruir de tanta tecnologia se muitos professores apresentam dificuldades em acessar um simples e-mail?

Ainda sobre a avaliação na rede Estadual, é válido mencionar que no dia 21 de maio de 2021, o governador do RS, Eduardo Leite, comunicou que seria realizada nas escolas estaduais uma avaliação diagnóstica, com o intuito de aferir o aprendizado dos alunos no ano de 2020. Assim como avaliar as competências pedagógicas que devem ser melhoradas em 2021.

De acordo com a SEDUC, essa avaliação foi realizada no dia 24 de maio do corrente ano, em todas as escolas da rede estadual, um total de 2,4 mil escolas.

Os testes, que estão sendo aplicados de forma presencial e digital nos estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, estão ocorrendo de forma escalonada e em regime de revezamento conforme os protocolos sanitários até o dia 11 de junho. (SEDUC, 2021)

Os resultados do desempenho individual de cada aluno estão disponíveis na plataforma do Centro de Políticas Públicas de Avaliação da Educação (CAEd) da Universidade Federal de Juiz de Fora (Minas Gerais). De acordo com a

secretária de educação Raquel Teixeira “*Avaliação e tecnologia são ferramentas cada vez mais indispensáveis para o trabalho humano.*”

Nessa linha de pensamento, o estado gaúcho lança mão de mais ferramentas tecnológicas digitais:

A rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul ganha mais um instrumento para qualificar a educação pública. Nesta quarta-feira (2/6), em transmissão ao vivo no YouTube, com participação do governador Eduardo Leite, o Estado aderiu oficialmente à plataforma Foco Escola, que disponibiliza para as escolas públicas do Estado resultados das avaliações nacionais e estaduais de forma organizada e descomplicada. (SECUC, 02/08/2021)

Os resultados obtidos através da avaliação diagnóstica Avaliar é Tri, assim como dados referentes a avaliação em larga escala e também dados do IDEB e, dados sobre o ENEN, estão disponíveis na plataforma Foco Escola (www.focoescola.rs.gov.br).

Sobre a plataforma o governador destaca que:

“A educação transforma a vida das pessoas individualmente e das suas famílias, as suas realidades e o mundo. Estamos sim transformando o mundo através dos seres humanos, aumentando sua capacidade de aprendizado e dando suporte através de ferramentas como essa plataforma, para que os profissionais da educação, os professores, tenham todas as informações de forma clara. Assim, podem aperfeiçoar suas técnicas, entendendo onde podem e devem atuar de forma melhor” (governador do RS, 2021)

Conforme a SECOM, objetivo de fazer uso da plataforma Foca Escola é facilitar o acesso aos materiais de apoio, planos de aula e, objetos digitais de aprendizagem a partir do diagnóstico do que cada escola necessita.

Ela já está disponível para todos os educadores da rede, basta acessar, se cadastrar e conferir. Ainda assim, para capacitar os educadores do Estado para o uso da tecnologia, a Secretaria da Educação (Seduc) oferecerá formações online, plantões de dúvidas e lives com especialistas em avaliação educacional, a fim de fomentar o uso de dados no dia a dia das instituições e tornar mais objetiva a adoção de novas práticas pedagógicas. (SECOM, 2021)

A plataforma Foca Escola foi desenvolvida pelo startup de dados educacionais por A Mais B, com o apoio do Itaú Educação e Trabalho, em 2015, e já foi utilizada por mais de 60 mil educadores em dez Estados brasileiros.

Conforme dados disponibilizados pela SEDUC RS, mais de 200 mil alunos realizaram a avaliação diagnóstica Avaliar é tri.

Importante salientar que na escola Joaquim Caetano, a avaliação diagnóstica não foi realizada de forma presencial, os alunos ou os responsáveis receberam um link para acessar a avaliação. A avaliação foi dividida em dois cadernos, um específico para a disciplina de matemática e outro para a disciplina de português. Cada caderno contém em torno de 20 questões, cada questão tem quatro opções de resposta.

A seguir um exemplo de uma questão proposta na avaliação aplicada para os alunos:

Questão 03**Leia o texto abaixo:**

Cor especial, veneno mortal A cobra coral azul da Malásia tem um estilo bem diferente. A combinação da cor azul do corpo com o vermelho da cabeça deixa o bicho impressionante. A espécie vive na Ásia, em países como Indonésia e Tailândia, e, apesar de ter apenas 140 centímetros, possui veneno que impede a respiração e pode ser letal. Ela come lagartos, rãs, pássaros e, acredite, engole até outras cobras!

Qual é o assunto do texto?

- A cobra coral azul da Malásia.
- A respiração dos animais.
- Os alimentos dos animais.
- Os países da Ásia.

A proposta do governo estadual foi após a aplicação da avaliação diagnóstica, oportunizar formação para os professores a partir dos resultados obtidos com a avaliação proposta. Tal formação está prevista para acontecer ao longo do ano letivo de 2022.

De acordo com a supervisora da escola, muitos alunos e pais, relataram dificuldades em acessar a plataforma, uma pequena parcela não realizou a avaliação. Pois de acordo com os mesmos, a página onde a avaliação estaria disponível, não estaria funcionando. Há também discussões no que se refere, a eficácia dessa avaliação pois, as respostas das avaliações já estavam disponíveis na internet antes da realização das mesmas no estado do RS. Muitos questionamentos surgiram sobre essa avaliação diagnóstica, dentre elas está o fato de que as provas aplicadas nas escolas da rede estadual no RS, já teriam

sido aplicadas anteriormente no estado de São Paulo e, por esse motivo, o gabarito está disponível na internet.

Faz-se necessário, primeiramente entender o que os alunos de hoje já nasceram imersos no mundo tecnológico, explorar esse fato através das ferramentas digitais, pode proporcionar aos alunos acesso ao grande potencial que a tecnologia dispõe. Assim, no capítulo que segue, exporemos um panorama do trabalho docente e as tecnologias.

3.3 TECNOLOGIAS DIGITAIS E TRABALHO DOCENTE

“O educador se eterniza em cada ser que educa” (Freire,2013)

Utilizaremos a nomenclatura de tecnologia digital, com o intuito de definir que tecnologia estamos nos referindo ao longo da nossa escrita, uma vez que, uma simples caneta pode ser considerada como tecnologia .Torna-se praticamente impossível ignorar o fato de que estamos imersos numa sociedade altamente tecnológica, mesmo aqueles professores que simplesmente se negam a usar redes sociais, acabam por utilizar as ferramentas tecnológicas, seja ao usar um caixa eletrônico, fazer uma compra em uma loja ou supermercado, uma vez que, o comércio como um todo faz uso das tecnologias. Até mesmo para ter acesso ao contracheque do mês os professores necessitam fazer uso de um celular, notebook ou computador. De acordo com Bonilla (2011):

O modelo pedagógico legado das escolas e das universidades, que enfatiza a memorização, a linearidade, a transmissão de conhecimento, também passou a ser evidenciado em iniciativas de inclusão digital, à medida que estas propõem, em sua concepção de trabalho, oferecer cursos e oficinas de informática, e consideram que, assim, podem favorecer também a “inclusão social”. O que se percebe, nesses casos, é que o foco não está na formação dos sujeitos para o exercício da cidadania, e sim no manuseio de máquinas e softwares, numa perspectiva tecnicista, visando um possível acesso ao mercado de trabalho. (BONILLA, 2011, p. 92)

Bonilla (2011), chama atenção para que tratar o uso das tecnologias dessa forma em nada contribui efetivamente para o processo emancipatório dos alunos, tal como Freire (2003) quando critica práticas semelhantes, chamadas por ele de “educação bancária”. Para o referido autor, educação bancária pode

ser compreendida como uma educação tradicional, onde o aluno é considerado um sujeito passivo, que apenas recebe conhecimentos do professor.

Vale lembrar que se não há um letramento digital, seja por parte dos alunos ou dos professores, o uso de aparelhos tecnológicos em sala de aula perde sua função e passa a servir como passatempo para os alunos e professores durante alguns minutos de folga em aula e, nesse sentido, acaba por ir contra a Lei Federal nº 2.547 de 2007 que proíbe o uso de celulares e aparelhos portáteis eletrônicos em sala de aula sem fins educacionais.

Depois de tantos anos de repreensões quanto ao uso de aparelhos celulares em sala de aula, alunos e professores, vivenciam uma mudança no que se refere a tal proibição, o que era motivo para chamar a atenção dos alunos, tornou-se essencial para o andamento do ano letivo. Aqueles que não acessaram seus celulares, computadores, foram chamados para darem explicações por não estar fazendo uso de aparelhos tecnológicos, mesmo estando em casa.

A inserção de aparelhos tecnológicos na sala de aula no Brasil teve sua origem com uma política de incentivo de inserção do rádio nas escolas, posteriormente houve um grande investimento de aparelhos de televisão. Já a informática propriamente dita aconteceu nos anos oitenta. De acordo com Cysneiros (1999), cada nova tecnologia implantada nas escolas acabava por fracassar, passada a euforia da novidade.

Segundo Cysneiros (1999), uma das causas mais prováveis do fracasso era a contradição, pois se via um alto investimento em equipamentos de última geração contrastando com escolas em péssimas condições.

A história da tecnologia educacional contém muitos exemplos de inovação conservadora, de ênfase no meio e não no conteúdo. Devido ao efeito dramático, sedutor, da mídia, em certos casos a atenção era concentrada na aparência da aula, tomando-se como algo “dado” o conteúdo veiculado, seja na sala de aula por transparências ou filmes, ou pela difusão ampla de conteúdos, através da TV, do rádio ou mesmo de livros textos cheios de figuras, cores, desenhos, fotos (CYSNEIROS, 1999, p. 06).

Antes mesmo da pandemia, os professores já estavam tendo que trabalhar com tecnologia, em 2019 o Estado do RS criou um aplicativo para

celular chamado Escola.RS, que veio para substituir as folhas de chamada. No período referido, o aplicativo estava em fase de testes, portanto, era opcional usá-lo ou não. A partir de 2020, o uso tornou-se obrigatório.

O aplicativo é de fácil acesso, bem didático e finalmente foi possível abandonar folhas e mais folhas dos cadernos de chamada. Quantas vezes professores que estavam terminando de preencher o caderno de chamada simplesmente esqueceram de registrar um dia ou mesmo erraram o registro (lembrando que cada folha registra 25 dias de aula) e, tiveram que refazer todo o caderno. Com o aplicativo, esse e outros problemas foram resolvidos, uma vez que é possível realizar, modificar registros da semana ou mesmo do mês passado sem problema algum.

Essa novidade trouxe para o debate algumas questões, tais como: e se o professor não se sentir à vontade? O que deve fazer aquele professor que não possui um celular adequado para baixar e acessar aplicativos ou mesmo aquele que não tem internet em seu celular? Antes da suspensão das aulas presenciais, os professores poderiam usar computadores e a internet da escola, porém com as aulas remotas as escolas estão fechadas a maioria dos dias e os professores com essas dificuldades citadas acima estão sem suporte.

A escola está em desvantagem com outros segmentos, o desencanto pela rotina escolar está cada vez maior. Sabemos que a realidade da sociedade de hoje é marcada por crianças desde a tenra idade que já fazem uso de celulares, tablets, mesmo antes de serem capazes de balbuciar palavras.

Bonilla (2011) defende que,

Oferecer condições ao usuário para apenas acessar computadores não consegue dar conta de atender as demais necessidades e desejos dos sujeitos e das comunidades. Em função de várias deficiências no processo educacional dos brasileiros, a grande maioria necessita que nos projetos de inclusão digital sejam propostas dinâmicas formativas que ajudem a superar algumas das diversas lacunas que foram se constituindo em sua formação ao longo da vida. (BONILLA, 2011, p 96)

O uso de aparelhos tecnológicos em sala de aula apesar de ser um tema atual, já estava presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998). De acordo com o referido documento, a necessidade do uso de aparelhos tecnológicos pelos alunos no processo ensino-aprendizagem vem aumentando.

O intuito de fazer uso é o de contribuir para que os estudantes tenham acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação a fim de estarem preparados para atuarem em uma sociedade altamente tecnológica. O fato de que existem estabelecimentos nos quais professores não dispõem sequer de giz, exige mudanças drásticas na realidade destes espaços para atingir a meta dos governos de informatizar a totalidade das escolas.

O problema é que a escola e conseqüentemente professores, na maioria das vezes, continuam trabalhando da mesma forma que trabalhavam na época em que não existia internet. Mais uma vez professores e alunos se tornam “cobaias” do Estado, sem nenhuma consulta prévia, ambos se viram obrigados a migrar para um ensino remoto. Tal como aconteceu com o Projeto Província São Pedro que simplesmente foi imposto aos professores e hoje não existe mais.

Para compreender o surgimento do projeto Província de São Pedro faz-se necessário mencionar outros dois projetos que são o RS Mais Digital e o projeto Ceibal. O primeiro tem por objetivo a realização de políticas públicas que incrementem o acesso da população à internet de forma a integrar governo e sociedade na promoção do exercício da cidadania e na construção do processo de desenvolvimento econômico e social do Rio Grande do Sul. O segundo trata-se de um projeto de inclusão digital implantado no Uruguai, especialmente na cidade de Rio Branco, coirmã da cidade de Jaguarão, no qual foram distribuídos um computador portátil por aluno e professores das escolas públicas. Seu nome, Ceibal, é um acrônimo de “Conectividade Educativa de Informática Básica Online”.

O Projeto Província de São Pedro (espera-se que seja totalmente implementado até o ano de 2014) é uma ramificação do projeto RS Mais Digital¹. Província de São Pedro consiste em informatizar alunos e professores do Ensino Fundamental da rede estadual de ensino dos municípios situados na fronteira com o Uruguai que sejam considerados território de paz. Essa proposta surgiu a partir de uma visita que o governador do Estado do Rio Grande do Sul, Tarso

¹ RS Mais Digital tem por objetivo a realização de políticas públicas que incrementem o acesso da população à internet, de forma a integrar governo e sociedade na promoção do exercício da cidadania e na construção do processo de desenvolvimento econômico e social do Rio Grande do Sul.

Genro, fez ao Uruguai, nessa oportunidade o governador conheceu um projeto semelhante, intitulado: Projeto Ceibal², o qual já está implantado nas escolas fronteiriças uruguaias.

Cabe salientar que, mais uma vez a comunidade escolar acaba por ser um local de “testes”, o governo estadual gastou e está investindo muita verba em um projeto sem levar em conta o que pensam os professores, qual a realidade de cada escola e de cada cidade.

Atualmente, a sociedade em geral, pensa ter autoridade quando o assunto é educação, todos se sentem à vontade em dar opiniões a respeito da escola, porém, na hora da tomada das decisões dificilmente os professores são ouvidos.

A importante indagação é: como um professor que é considerado um excluído digital, pode ser capaz de “incluir” seus alunos nesse ensino remoto? Bonilla, afirma que:

Um professor “excluído” digitalmente não terá a mínima condição de articulação e argumentação no mundo virtual, e, por conseguinte, suas práticas não contemplarão as dinâmicas do ciberespaço. Ou seja, um professor “excluído” não tem condições de “incluir” seus alunos. (BONILLA, 2011, p 98)

De acordo com Freire (2013), os professores de tanto ouvirem da sociedade e de seus pares que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isso, terminam por se convencer de sua “incapacidade”.

Nessa perspectiva MACHADO (2020), afirma que o que há hoje nas palavras da autora é a “*desprofissionalização docente*”, uma vez que, os profissionais da educação estão perdendo sua identidade, devido a pressões sofridas por parte da escola para assumirem posturas, lugares, tarefas as quais não estão preparados.

A referida autora apresenta dados surpreendentes no que se refere aos professores e formações voltadas para o uso das tecnologias digitais, de acordo com MACHADO (2020), em uma pesquisa realizada em 2018 desenvolvida pelo

² Trata-se de um projeto de inclusão digital implantado no Uruguai, onde foram distribuídos um computador portátil por aluno e professores das escolas públicas. Seu nome Ceibal refere-se à conectividade educativa de informática básica on-line.

CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), 50% dos professores entrevistados participaram de algum curso, debate ou palestra sobre o tema tecnologia e educação, 55% afirmam que nunca tiveram em sua formação acadêmica atividades com o intuito de usar as tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, 19% considera que houve contribuição do curso de formação continuada realizado sobre o uso de computador e internet em atividades de ensino, Dois terços dos professores não fazem uso do computador e também da internet para realizar as atividades com alunos e, 76% das escolas não possui nenhum tipo de formação para os professores sobre o uso das tecnologias digitais.

Na escola em que foi realizada a intervenção, a realidade não difere muitos dos dados apresentados acima, há professores que não utilizavam e-mail, grupos de WhatsApp, professores que sequer possuem graduação, e quanto a existência de um projeto que almeja a formação dos professores para trabalhar com as tecnologias digitais na sala de aula, é possível afirmar que não exista.

Diante o que foi exposto trazemos para o debate o que pensa FARAGE (2020), para o autor é importante pensarmos além dos problemas enfrentados por professores e alunos no ensino remoto, Farage faz um importante questionamento que é: para quem serve essa educação a distância? De acordo com a referida autora,

As razões que nos levam a apontar críticas ao ensino a distância (EaD), quando proposto em substituição ao ensino presencial, emergem das análises realizadas sobre o projeto de educação sugerido pelos organismos internacionais e executado pelos governos a serviço do capital. Como aponta o Banco Mundial (BM), esse projeto tem por objetivo a implantação de uma educação terciária aligeirada e, exatamente por isso, vem sendo debatido e criticado pelas entidades e profissionais da educação há pelo menos três décadas. (FARAGE, 2020)

Nessa mesma linha, Farage (2020) defende que se faz necessário pensar em pelo menos três questões no que se refere aos impactos da pandemia no trabalho docente, são elas: o que este momento da pandemia gera para os professores, o que este momento gera para os alunos e qual a dimensão pedagógica deste momento de pandemia. Na prática o que vemos é a cobrança

por parte da escola para que os professores postem as aulas e atendam os alunos, participem de reuniões.

Importante ressaltar que querendo ou não a realidade encontrada nos dias atuais por professores é

Os estudantes da nova era já nasceram imersos nas tecnologias eles são o que chamamos de "nativos digitais", pois conseguem com muita habilidade manusear as ferramentas eletrônicas, aproveitando esta conectividade devemos inserir o computador e a internet como um instrumento pedagógico e não como um salvador ou substituto do professor estimulando a criação de projetos que conectem a escola com o mundo digital estimulando os discentes a criarem blogs para que postem conteúdos complementares ao que foi visto na sala de aula possibilitando a criação de materiais e sínteses muitas vezes brilhantes, incentivar o uso das redes sociais com consciência e responsabilidade, com os computadores conectados a internet a escola possui uma fonte inesgotável de captação e produção de conteúdo. (LABORDE, 2011, p. 02)

O objetivo aqui não é acusar ninguém, tampouco apresentar críticas sem fundamentos sobre o trabalho docente frente ao uso das ferramentas digitais, muito menos afirmar que o uso das ferramentas digitais irá contribuir ou não para o desempenho do trabalho docente. A proposta aqui é expor a realidade até aqui conhecida, levando em conta os limites e as possibilidades no que se refere a avaliação de forma remota.

Assim, o próximo capítulo, é dedicado ao referencial teórico metodológico.

4 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (Freire,2019)

Nossa pesquisa foi qualitativa, já que, através da pesquisa qualitativa é possível não só conhecer os sujeitos participantes que farão parte da pesquisa, mas também compreender através do espaço ao qual determinado sujeito está inserido ou o porquê de determinadas respostas ou atitudes durante nossa pesquisa.

Winkin (1998) mostra que ao iniciarmos uma pesquisa na sociedade em que estamos inseridos é necessário tomar algumas precauções, entre elas, escolhermos um espaço público ou semipúblico, pois nestes ambientes temos a liberdade de ir e vir, sem receio de criar algum desconforto como provavelmente aconteceria se escolhêssemos nossa casa, por exemplo, como objeto de pesquisa. O autor ressalta que precisamos seguir uma organização sistemática e que também é imprescindível que façamos, ao longo do nosso trabalho, paralelos referentes à nossa prática durante a pesquisa e com a teoria utilizada. O fato de escolher uma escola a ser pesquisada qualifica sobremaneira o trabalho, pois ao “[...] estudar com bastante minúcia um meio, um grupo, uma situação, [...] extrairão muitas regularidades que fundam esse conjunto particular. Ora, essas regularidades pertencem à comunidade ou à sociedade global” (WINKIN, 1998, p. 145).

Para Bogdan e Biklen (1994), um pesquisador qualitativo está com o foco, como o próprio nome diz, na qualidade dos dados coletados. Por isso, a preferência de conhecer o local onde seu objeto de pesquisa ou o sujeito a ser entrevistado está inserido:

Nos estudos qualitativos os investigadores preocupam-se com o rigor e abrangências dos seus estudos. A garantia é entendida mais como uma correspondência entre os dados que são registrados e aquilo que de fato se passa no local de estudo do que como uma consciência literal entre diferentes observações.” (BODGAN, 1994, p. 69-70)

Moraes (2003) aponta que:

Pesquisas qualitativas têm cada vez mais se utilizado de análises textuais. Seja partindo de textos já existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas e observações, a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão. (MORAES, 2003, p.191)

Já sobre o estabelecimento de relações, o referido autor afirma que,

Consiste na categorização das unidades anteriormente construídas, aspecto central de uma análise qualitativa. Discutiremos categorias, seus modos de produção, tipos e propriedades. A partir disso, pretendemos demonstrar como este processo se insere na construção de novas compreensões em relação aos fenômenos investigados, processo esse essencialmente de auto-organização. As categorias são parte da luz que emerge do processo analítico.

Inicialmente não poderia deixar de mencionar como as cartas pedagógicas se tornaram parte principal de nossa proposta de trabalho. Lembro quando participei da minha na primeira orientação coletiva, quando a professora disse que o uso das cartas pedagógicas poderia ser tanto a metodologia quanto o produto de nossa intervenção.

Em tempos em que dizer o que pensamos é algo que pode ser visto como um ato de coragem ou ser entendido como rebeldia, faz-se necessário manter os ensinamentos de Paulo Freire vivos em nossa prática docente. As cartas pedagógicas foram criadas por Freire, além de ser um gênero discursivo, são também parte principal da nossa metodologia.

4.1 CARTAS PEDAGÓGICAS

Impossível não escrever um pouco sobre o criador, idealizador das cartas pedagógicas, Paulo Freire, respeitado e conceituado educador brasileiro, mesmo após sua morte. Ele desenvolveu o método de alfabetização popular chamado “Método Paulo Freire”, mundialmente conhecido até hoje, assim como o Movimento de Alfabetização (MOVA), em salas comunitárias, adotado por várias prefeituras.

Freire, foi professor, ocupou vários cargos governamentais e, também, foi supervisor do programa para alfabetização de adultos e Secretário de Educação da cidade de São Paulo.

Exilado no Chile e Estados Unidos na época da ditadura, Freire retornou anos mais tarde ao Brasil. Paulo Freire criticava o sistema tradicional de educação. Por esse motivo elaborou novos métodos de ensino e lançou várias obras literárias com ricos conteúdos para a área de educação. Faleceu em 02 de maio de 1997.

A carta pedagógica é considerada um gênero discursivo específico criado por Freire, ele tinha o hábito de enviar cartas para aqueles que tinham como objetivo educar e ensinar. Tornou-se uma marca registrada do referido autor, presentes até hoje entre aquelas pessoas que se consideram amantes das teorias freireanas.

Freitas (2021), aponta que:

Tomando essa reflexão como ponto de partida, a escrita desta Carta sobre Cartas Pedagógicas fundamenta-se no pensamento freireano, num sentido mais amplo, reconhecendo que as relações de ensinar e de aprender exercidas nas instituições de ensino são tanto condicionadas quanto problematizadoras das relações exercidas em outros espaços sociais. Assim, tomar como objeto de estudo a dinâmica das relações de ensinar e aprender não tem um fim em si mesmo, mas diz respeito a fomentar processos educativos emancipatórios, intencionando – e tensionando – compreender e exercer a educação como prática social. Neste sentido, reinventar o legado de Paulo Freire no âmbito metodológico é sempre um ato político, para o qual a permanente reflexão crítica sobre a prática se faz necessária. (FREITAS, 2021, p.03)

Nessa perspectiva, escolhemos usar as cartas pedagógicas como metodologia e como um dos produtos ocorreu por duas razões, a primeira foi a própria escolha de trabalhar com esse gênero tão interessante e a segunda foi a suspensão das aulas presenciais, já tínhamos a intenção de utilizar as cartas em nosso projeto. Com o advento da pandemia, as cartas foram uma alternativa encontrada para continuar a pesquisa a distância.

De acordo com Paulo e Dickmann,

As Cartas Pedagógicas revelam um pensamento dialógico que compreende a educação como processo de humanização dos seres humanos. Para tanto, a educação é teórica e prática, ocupando-se em

resolver problemas da vida concreta dos oprimidos. Nesse viés, é importante uma metodologia coerente com a Educação Popular Libertadora. (PAULO E DICKMANN, 2020, p.24)

Para Paulo e Dickmann (2020), o que difere uma carta comum de uma carta pedagógica é a presença de fundamentos epistemológicos. A principal diferença entre uma carta convencional e uma pedagógica é produzir conhecimento e possuir uma postura política.

Ainda de acordo com os referidos autores, o ponto de partida de uma carta pedagógica é a vida, ou seja, a realidade de quem escreve, e o objetivo da escrita é começar uma aproximação, um diálogo com o interlocutor.

A carta pedagógica tem o poder de reforçar a alteridade e o compromisso entre os seres comunicantes. A concordância com o texto e a troca de cartas vai reforçando as relações de interação e de dependência com o outro, gerando um comprometimento mútuo com a mensagem e com os seus reflexos teóricos e práticos. (PAULO e DICKMANN, 2020, p. 47)

Para o uso das cartas pedagógicas realmente ter sentido, faz-se necessário que haja respostas às cartas enviadas. No entanto, é preciso chamar atenção para o fato de que efetivamente uma carta pedagógica necessita de uma resposta, que também será uma carta pedagógica.

É de grande importância entender que existem processos para nortear, ajudar no processo de escrita de uma carta e nomeá-la de pedagógica, para Freitas (2021), apresenta cinco apontamentos que devem ser seguidos para que efetivamente seja escrita uma carta pedagógica, são eles: experiência, destinatário, título, motivação e problemática e por fim “provoc-ação” ao diálogo. A referida autora, também destaca que:

Importante observar que os cinco apontamentos não pretendem ser um passo a passo a ser seguido, mas têm a intenção de encorajar à escrita e contribuir para a auto-organização em relação às escolhas sobre o conteúdo a ser abordado. Esta é apenas uma sugestão; os apontamentos indicam ações complementares a serem consideradas da forma que melhor convier, de acordo com o movimento de seu pensamento. Vale reiterar, a escrita não tem uma finalidade em si mesma, mas se torna relevante em função do processo que deflagra, levando em conta a complexidade das relações que envolvem ação, reflexão, emoção e registro. (FREITAS, 2021, p.11)

No que se refere ao método de escrita de uma carta pedagógica, Paulo e Dickmann (2020) destaca que

A carta pedagógica tem o poder de reforçar a alteridade e o compromisso entre os seres comunicantes. A concordância com o texto e a troca de cartas vai reforçando as relações de interação e de dependência com o outro, gerando um comprometimento mútuo com a mensagem e com os seus reflexos teóricos e práticos. (PAULO e DICKMANN, 2020, p. 48)

O objetivo de fazer uso das cartas em nosso trabalho é a partir das cartas respostas, escrever novas cartas. A utilização das cartas pedagógicas como instrumento, primeiramente, de coleta de dados e, posteriormente, como produto da pesquisa, se dá pelo fato de existir maior rigor e ao mesmo tempo seriedade, sem perder a amorosidade.

4.2 INSTRUMENTOS

Tendo em vista que nossa proposta de trabalho foi impactada pela pandemia, nossos instrumentos de pesquisa tiveram que ser pensados de forma a responderem de fato nossas inquietações acerca do processo de avaliação da aprendizagem no ensino remoto. Importante destacar que antes mesmo da pandemia, as cartas já tinham lugar de destaque na nossa pesquisa. Dessa forma, nossos instrumentos foram as cartas pedagógicas.

De acordo com FREITAS (2021),

A produção escrita por meio de Cartas Pedagógicas constitui um convite para dizer sua palavra e representa um desafio às autorias no percurso de ensinar e de aprender; por outro, a documentação da experiência do ensino por meio da escrita de Cartas Pedagógicas constitui uma prática fecunda cuja produção de dados permite a investigação sobre o ensino. (FREITAS, 2021, p. 07)

Assim é possível afirmar que a escolha de fazer uso das cartas pedagógicas como um de nossos instrumentos, nos possibilitou uma proximidade mesmo que não presencial com os sujeitos da pesquisa.

4.3 PARTICIPANTES

Nosso público-alvo foram professores de 4^o e 5^o anos e equipe diretiva da escola Estadual Joaquim Caetano da Silva.

O corpo docente da escola é composto por professores com formações variadas, que vão desde o curso de Magistério, graduação (pedagogia, letras, matemática e biologia), especializações e Mestrado em Educação. Outro dado

importante é que a maioria das professoras do turno da tarde são concursadas, apenas uma professora do Ensino Fundamental, a orientadora e a supervisora são contratadas. Duas professoras, também atuam na rede municipal de educação.

Vale ressaltar a riqueza e a diversidade das nossas participantes, tanto no que se refere à formação acadêmica, quanto à idade – uma das professoras foi minha professora no 3º ano do Ensino Fundamental.

Sabemos que, provavelmente, neste de grupo de professoras existem aquelas com vontade de aprender, enfrentar o desconhecido (nesse caso aulas remotas), as que têm medo do novo, porém, não se deixaram abater com a nova realidade e aquelas cuja negação é evidente, que simplesmente se recusam a tentar algo novo, tentando ficar presas a métodos e práticas já recorrentes.

O que une todas nesse momento são as incertezas de como avaliar os alunos remotamente, de forma que leve em consideração o período em que todos estamos atravessando. Sem deixar de lado o olhar humano que é uma característica das professoras em geral, principalmente no Ensino Fundamental

4.4 DIAGNÓSTICO

Em meio a tantas mudanças em nossas vidas, uma das mais significativas é o papel do *WhatsApp*, antes da pandemia era apenas uma rede social/aplicativo de troca de mensagens, seus grupos eram caracterizados por serem um lugar de descontração, cheio de memes engraçados e mensagens de bom dia, boa tarde, boa noite, enfim, eram considerados pela esfera escolar como marginalizado, proibido dentro de uma escola.

Se um aluno fosse “pego” dentro da sala de aula fazendo uso de tal aplicativo, certamente seria encaminhado para a direção, o celular seria recolhido e os responsáveis seriam chamados.

Porém, da noite para o dia, o que era considerado apenas um aplicativo de troca de mensagens, tornou-se uma ferramenta de trabalho. No início das suspensões das aulas, tornou-se o único elo entre alunos, pais, professores e direção da escola.

Com o passar dos dias o *WhatsApp* transformou-se além de uma ferramenta de trabalho, um instrumento de conflito e de certo constrangimento. Conflito porque tornou-se o lugar onde professores e equipe diretiva expõem seu descontentamento com o trabalho remoto e, muitas vezes, esses descontentamentos são recebidos como críticas ou reclamações por algum professor. Nosso diagnóstico teve como base o grupo de *WhatsApp* da já mencionada escola onde o nosso projeto de intervenção foi realizado. A escolha em realizar o diagnóstico no grupo ocorreu pelo fato dele ser o local em que todas as orientações da equipe diretiva são repassadas aos professores e, principalmente, porque é o espaço onde o grupo de professores tem para trocar ideias e falar de suas angústias e frustrações, ou seja, esse grupo de *WhatsApp* tornou-se, hoje, a sala de professores.

Inicialmente, a escola havia criado um grupo de *WhatsApp* para o turno da manhã e outro para o turno na tarde, ambos com a participação da equipe diretiva. Todos os membros eram administradores do grupo, eram postados recados da direção, mensagens engraçadas, notícias que não eram referentes à escola, mensagens de incentivos. No entanto, com o advento da suspensão das aulas presenciais, os grupos de *WhatsApp* tornaram-se praticamente o único canal de comunicação.

Com o passar dos dias, o referido grupo tornou-se também um espaço de desabafo por parte dos professores, principalmente sobre a sobrecarga de trabalho, falta de respeito ao horário por parte dos responsáveis, uma vez que enviam mensagens para os professores 24 horas por dia, durante os 7 dias da semana. O grupo tornou-se um verdadeiro muro de lamentações, a direção, por sua vez, decidiu restringir apenas aos membros da direção o direito de postar mensagens.

As falas de três professoras refletem o momento delicado em que se encontram os professores: “aqui *não é o lugar de fazer reclamações e desabafos*”. Do outro lado, respondeu a outra professora: “Se *não for aqui, será onde?*”, “*aqui é o único espaço que temos para desabafar com os colegas*”, “*todos compartilhamos das mesmas angústias*”. E complementou outra: “*estamos adoecendo*”.

Com o intuito de tentar amenizar o mal-estar que estava no ar, a orientadora da escola resolveu criar outro grupo com os professores dos dois turnos juntamente com a direção. Porém, nesse grupo, nenhum recado ou orientação era postado, era um espaço para os professores fazerem questionamentos e relatarem os problemas que estavam enfrentando. Quando postavam alguma pergunta para a direção, tal pergunta era respondida no antigo grupo no qual apenas a direção tem permissão de fazer postagens.

Acreditamos que um grupo de conversas de *WhatsApp*, tenha a mesma credibilidade de outro instrumento de diagnóstico, uma vez que, ele é utilizado para enviar conteúdo e explicações, além de ser um canal de comunicação. A justificativa para essa credibilidade está no fato de que a comunicação entre Coordenadoria de Educação com as diretoras da rede estadual, assim como a comunicação entre a equipe diretiva com professores e vice-versa e entre professores com os pais e responsáveis dos alunos, ocorrem via *WhatsApp*. Sendo assim, partimos da premissa que se documentos, resoluções, pareceres legais dentre outros podem ser enviados pela referida ferramenta digital, por que não o usar como um instrumento de diagnóstico?

Sabemos que usar um aplicativo de mensagens como instrumento de diagnóstico num projeto de mestrado pode gerar certa desconfiança, pelo fato de ser algo novo, mas se levarmos em conta o momento em que estamos vivendo em que aulas estão acontecendo também através do já citado aplicativo e que ele é o único elo entre alunos, pais. Professores, equipe diretiva e SEDUC.

Com a suspensão das aulas devido à pandemia, professores que estavam acostumados a trabalhar de forma presencial foram obrigados a trabalhar remotamente, primeiramente através de grupos de *WhatsApp* e depois através da plataforma *Google Classroom*. Professores que antes trabalhavam 20 horas semanais ou em sala de aula, viram sua vida virar um verdadeiro caos, uma vez que passam muito mais de 20 horas semanais atendendo alunos e pais.

Na teoria seria tudo perfeito, aulas que antes eram pensadas para uma realidade presencial, apenas deveriam ser adaptadas para o remoto, pelo menos foram as orientações que recebemos: “você precisam adaptar a tarefa que seria

utilizada de forma presencial, para uma versão on-line” No entanto, na prática não foi nada simples, em nosso cotidiano temos professores com dificuldade em acessar um e-mail, criar um grupo de *WhatsApp*, anexar arquivos, sem condições necessárias de trabalhar remotamente. Sem mencionar aqueles que simplesmente se negam a trabalhar de uma maneira diferente.

Também alguns professores já estão adoecendo, pois passaram quase 24 horas atendendo seus alunos e responsáveis com as mais diversas dúvidas, que vão desde orientações de atividades até como acessar a internet. Em certos momentos, o grupo de professores de *WhatsApp*, parece mais um grupo de autoajuda ou mesmo uma sessão com psicólogo, todos se sentem perdidos e sozinhos, sem saber se darão conta de todas essas mudanças.

Até o mês de junho de 2020, o processo de avaliação das aulas remotas ainda estava em processo de construção, aguardando parecer do MEC. Apesar da orientação da 5ª Coordenadoria ser que caberia a cada escola utilizar métodos de avaliação que sejam diários, de modo que consigam suprir as dificuldades dos alunos. No final do mês de dezembro (2020), mais precisamente dia 28, as escolas receberam das coordenadorias regionais de educação, via *WhatsApp*, um novo memorando com novas normativas no que se refere às avaliações finais e eventuais exames finais e, também registros do diário online.

De acordo com o memorando, os professores têm que registrar nos diários online as notas e pareceres do 1º e 2º semestres, esses registros ocorreram até o dia 07 de janeiro de 2021. Após essa data acontecerá os exames finais, com a finalidade de “resgatar” alunos que não realizaram as tarefas na plataforma e aqueles que não pegaram material físico.

Será considerado apto para o próximo ano aquele aluno que realizou cinco atividades consecutivas ou dez atividades intercaladas, tanto na plataforma como no material físico. O aluno que não atender tais requisitos, terá que realizar exame final.

No caso dos estudantes que pactuaram uma das formas de acesso às aulas remotas e tenham de afastado do processo pedagógico escolar ao longo do ano de 2020, sem justificativa para a escola, ou ainda os estudantes que a escola não conseguiu contatar, desde o início das atividades remotas, para a devida pactuação da forma de acesso e que

não houve a possibilidade do processo de avaliação, terão o ano letivo encerrado com a situação Busca Ativa. (SEDUC, 2020, p.03)

No entanto, as participantes de nosso projeto compartilham também da difícil tarefa de saber se realmente são os alunos que estão realizando as tarefas ou se é outra pessoa, se deparam com outras dificuldades, como receber arquivos vazios e imagens das atividades dos alunos, que simplesmente não são possíveis visualizar, devido a imagens desfocadas.

As professoras apresentam muitas dificuldades e trabalham de forma remota, fato este visível nos desabaços no grupo de professores da escola. A partir desse primeiro diagnóstico, partimos para o segundo passo, que são/foram as cartas pedagógicas, com o intuito de oportunizar aos professores um momento de um momento para além de trocar experiências, um lugar para compartilhar dúvidas e angústias, que provavelmente todos os professores estão expostos nesse momento de aulas remotas emergenciais.

O primeiro passo, antes da escrita das cartas pedagógicas, foi delimitar o público-alvo, inicialmente tínhamos por objetivos apenas os professores de 4º e 5º anos, no entanto, ao iniciar a escrita das primeiras cartas, optamos em ampliar nosso público-alvo, abrangendo também a equipe diretiva.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CARTAS

5.1 PLANO DE AÇÃO

A partir do diagnóstico inicial, optamos por um plano de ação que continue explorando as cartas pedagógicas. A partir do retorno das cartas enviadas, foi escrita outra carta com as concepções de avaliação das participantes da pesquisa, eis aqui o produto da pesquisa.

O fato de termos trabalhado com professores e equipe diretiva, nos fez refletir sobre a possibilidade de as cartas não serem apenas um diagnóstico passível de análise. Assim, pretendemos também com o auxílio das cartas, possibilitar aos participantes conhecer o que seus pares pensam acerca da avaliação da aprendizagem através das cartas pedagógicas.

5.2 ESCRITA DAS CARTAS

A ideia inicial era a de usar as cartas pedagógicas apenas como parte do processo da pesquisa, no entanto, à medida que o projeto era escrito e a intervenção pensada em consonância com percalços que a pandemia trouxe no cotidiano de todos, as cartas tornaram-se tanto metodologia quanto produto da pesquisa.

O fato de fazer parte do grupo onde houve a intervenção, possibilitou que a escrita de cada carta fosse única, destinada a cada um dos participantes. Apesar de cada carta ter sido diferente, todas tinham os mesmos objetivos: conhecer os limites e possibilidades por parte dos sujeitos da pesquisa em avaliar remotamente os alunos e, conhecer o conceito de avaliação desses sujeitos.

Quando os participantes foram informados que receberiam uma carta pedagógica e que os mesmos teriam de responder às cartas, causou uma insegurança.

O surgimento de tal insegurança surgiu por dois motivos, o primeiro se refere ao receio por parte dos participantes em terem de escrever uma carta a mão e posteriormente enviá-la via correio, uma vez que, tendo em vista que na

época em que cartas foram escritas, o comércio local estava fechado e uma parcela dos participantes estava em isolamento em casa.

Foi a partir dos motivos citados acima que se optou em enviar as cartas por e-mail, dessa forma ninguém precisou sair de casa, dispondo assim de tempo e segurança em casa para a escrita das cartas.

Foram escritas e enviadas ao todo 7 cartas, apenas uma participante não respondeu, porque pediu afastamento da escola no início da pesquisa e não havia retornado ao fim da pesquisa.

5.3 RETORNO DAS CARTAS

Certamente se fosse a pandemia, toda vez que o carteiro passasse aqui na rua, seria abordado com a seguinte pergunta: tem alguma carta endereçada para mim? No entanto, com a mudança na logística de entregar as cartas, o carteiro deu lugar ao e-mail. Assim, a cada notificação que chegava no celular, surgia imediatamente um sentimento de ansiedade, curiosidade, para saber se naquele e-mail estava chegando uma carta resposta.

Algo comum em todos os e-mails, todos tinham uma mensagem com um pedido de desculpas pelo atraso, ou por receio da carta não contemplar o que era esperado. E a metade das participantes relatou que fazia muitos anos que não escreviam cartas para alguém.

Da mesma forma que cada carta enviada foi única, as respostas também foram, cada carta trouxe a marca da pessoa que a escreveu. Algumas foram mais objetivas do que outras, umas mais formais. Todas as cartas estão nos anexos do relatório.

5.4 ANÁLISE DAS CARTAS RESPOSTAS

5.4.1 METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS CARTAS

Os critérios escolhidos para a análise textual discursiva das cartas, estão embasados na teoria de Roque Moraes (2003) de acordo com o referido autor, existem três focos, são eles: unitarização, categorização e metatexto. A análise só foi realizada após o retorno de todas as cartas, o primeiro passo foi atribuir uma letra para cada remetente, o segundo passo foi separar as cartas em dois grupos: professores e equipe diretiva.

Já o terceiro passo foi identificar nas cartas todos os conceitos de avaliações, por fim, buscou-se em cada carta, questões ligadas aos limites e possibilidades em avaliar os alunos de forma remota.

Para Moraes, existem quatro focos que envolvem o processo de análise, são eles: desmontagem dos textos, estabelecimento de relações, captando o novo emergente e um processo auto-organizado. Sobre o processo de desmonte do texto, Moraes destaca que:

Ao examinar esse elemento, fazemos, em primeiro lugar, uma incursão sobre o significado da leitura e sobre os diversificados sentidos que esta permite construir a partir de um mesmo texto. Daí nos movemos para tratar do corpus da análise textual, atingindo a partir disso, o cerne desse primeiro estágio da análise, que é a desconstrução e unitarização do corpus. Concluimos esta discussão destacando a importância de um envolvimento e impregnação aprofundados com os materiais analisados no sentido de possibilitar a emergência de novas compreensões em relação aos fenômenos investigados. (MORAES, 2003, p.192)

Apenas a professora F, não respondeu à carta, no início da pandemia, a mesma se ausentou da escola e, até o prezado momento, não retornou às atividades. As cartas foram destinadas à equipe diretiva e a professoras regentes das turmas de 4º e 5º anos.

Freire (2015), aborda que os professores devem estar num eterno processo de pensar e repensar os processos de ensino-aprendizagem em sua totalidade como integrante de suas relações de conhecimento com os educandos, sendo coerentes com seus discursos e suas práticas educativas.

Incorporando nas práticas docentes, em suas propostas pedagógicas, as relações entre o contexto educacional e social dos alunos.

Freire (2015) nos traz um importante ensinamento no que se refere ao medo. Medo este que se fez e ainda faz presente em tempos de aulas remotas. O medo do desconhecido, do difícil, surge no professor que teme tempestades, que teme inseguranças e tantas outras particularidades. Para tanto, surgem as reflexões em torno do medo. Aqui nos referimos ao medo da nova realidade que surge com o ensino remoto emergencial. Nesse sentido, emergiram e certamente ainda emergem tantas indagações de que não podemos recuar no primeiro obstáculo que nos defrontamos, mesmo que o desconhecido seja cercado de incertezas e obscuridades.

O sentido de avaliação é compreender o que se passa na interação entre o ensino e a aprendizagem para uma intervenção consciente e melhorada do professor, refazendo seu planejamento e seu ensino e para que o aprendente tome consciência também de sua trajetória de aprendizagem e possa criar suas próprias estratégias de aprendizagem. (SILVA,2010, p.60)

No que diz respeito ao conceito de avaliação, a maioria das cartas trouxe o conceito de avaliação diagnóstica. Porém, nenhuma mencionou que foi decidido no coletivo qual critério de avaliação o grupo deveria usar.

Para Gomes (2014), a avaliação deve ser discutida e definida em grupo, não deve ocorrer de forma individual, ou seja, é errado pensar que cada professor deva decidir sozinho qual conceito de avaliação irá nortear seu trabalho.

Os diferentes sujeitos que recriam a escola como professores, alunos e pais são sujeitos avaliadores que interpretam e atribuem significados e sentidos à realidade escolar na qual estão inseridos, a partir das diferentes leituras dessa realidade, possibilitadas por suas diversas experiências. Nesse contexto, um conjunto de referências é construído por ações dos sujeitos, os quais se orientarão a partir dessas referências, tomando-as como pontos de partida para as avaliações que desenvolvem. (GOMES, 2014, p.44)

Destaca-se, no entanto, que nenhuma das cartas faz menção a uma outra avaliação que não seja a diagnóstica, sabe-se que esta avaliação é ou deveria ser o primeiro passo no processo avaliativo e, não a única avaliação a ser utilizada.

Sendo assim, foi possível aferir que a grande parte dos professores, concebe o ensino remoto emergencial, como uma maneira de diagnosticar as dificuldades encontradas pelos estudantes em tempos de ensino remoto.

Análise da 1ª carta

A amorosidade se faz presente já nas primeiras linhas da carta: “Estou respondendo a tua amável carta.” Outro fato que penso ser importante destacar é a citação do nome de Freire, por parte da remetente:

Paulo Freire conta com o amor como a essência da educação e para tanto o profissional da educação deve ter um olhar diferenciado não somente para o seu aluno, mas para todo o contexto que ele está inserido inicia-se assim o primeiro "modus operandi" da forma que o professor vai avaliar seus alunos. (PROFESSORA N,2021)

No que se refere a avaliação, a concepção da remetente 1 não é de uma avaliação considerada tradicional e muito menos excludente, que leve em conta apenas respostas certas ou erradas. A professora N afirma que:

A caminhada avaliativa não pode ser resumida a um simples momento de questionamentos e respostas que obrigatoriamente tem que fechar com o gabarito previamente estabelecido pelo educador, com data e execução sumária do aluno caso ele não corresponda como o esperado.

A já mencionada professora, ainda menciona a avaliação diagnóstica e sua carta: (...) somando a isso uma avaliação diagnóstica para que o aluno seja preparado para o mundo e não apenas para ser promovido ao ano subsequente(..). No entanto a remetente 1 deixa claro que a avaliação é um processo que ocorre em todos os momentos e que envolve alunos e professores, tal conceito está presente abaixo:

O professor é o balizador que tem a condição de usar todas as ferramentas e aquele olhar que falamos anteriormente para uma avaliação constante, levando em conta todos os critérios possíveis e transformando cada um deles em um resultado. (PROFESSORA N,2021)

Miras e Solé (1996), concebem a avaliação diagnóstica como a responsável em verificar o modo como determinado aluno está no que se refere as novas aprendizagens. Ainda de acordo com os autores citados,

A primeira abordagem contemplada pela avaliação diagnóstica (ou inicial)

De acordo com a remetente 1, em tempos de ensino remoto, é necessário rever conceitos e práticas avaliativas:

Transpondo para os anos iniciais e de forma remota, como foi a tua questão, reafirmo que a empatia e o olhar despido do mecânico método de "prova" para reconhecer se seu trabalho frutificou na longa plantação, seria melhor acompanhar o que é semeado todo o dia colocando os insumos que se fizer necessário naquele momento. (PROFESSORA N,2021)

A carta termina da mesma maneira que inicia, com a amorosidade presente “Espero cara colega e amiga que tenha conseguido responder aos teus questionamentos”.

Análise da 2ª carta

Tal como a primeira carta, a amorosidade se faz presente já no início da carta: “Agradeço pelo carinho e espero poder dar minha pequena contribuição no teu projeto.” Diferentemente da professora N, a professora S, demonstra preocupação pelo fato das aulas e conseqüentemente as avaliações serem remotas:

Nesse contexto, cheio de novidades e desafios, como saber se os alunos estão se desenvolvendo e alcançando os objetivos? Como avaliar a aprendizagem sem saber o que eles sabem? Como avaliar os alunos com necessidades especiais no ensino remoto que precisam de um atendimento mais individualizado? E os alunos que não têm condições de acesso à plataforma e pegam material físico? Como saber se foi o aluno quem fez a atividade ou algum familiar? Ou pesquisou no *Google*? (PROFESSORA S,2021)

No entanto, a referida professora, apesar de não fazer menção a nenhum conceito de avaliação de forma direta e objetivo, e apresentar suas dúvidas e também limitações em avaliar os alunos de forma remota, destaca a importância do professor nesse processo remoto, assim como a necessidade do afeto nesse processo:

Considerando as citações acima apontadas uma das possibilidades de avaliação nessa nova modalidade de ensino remoto, é que o professor está mais perto do aluno afetivamente e emocionalmente, essa interação professor/aluno mais do que nunca traz um resultado positivo, o professor passa a conhecer mais seu aluno e buscar as estratégias para melhorar as possíveis lacunas. (PROFESSORA S, 2021)

É possível perceber que a professora S, ainda está preocupada com uma avaliação com base em resultados obtidos através de atividades avaliativas, uma vez que demonstra preocupação em não ter certeza se foi o aluno que realizou as tarefas enviadas ou mesmo se o aluno fez uso da pesquisa na internet para a realização de tais tarefas. Percebe-se nessa carta que apesar de compreender que o afeto precisa estar presente no trabalho docente, há uma necessidade de avaliar de forma presencial com o intuito de aferir os “conhecimentos” adquiridos pelos alunos, no momento da avaliação presencial.

Contudo, a professora S, concebe o ensino remoto como uma forma de aproximar alunos e professores, devido à grandes variedades de ferramentas digitais que o ensino remoto disponibiliza: “O ensino remoto, ampliou as possibilidades de formatos, as melhores ferramentas vão depender das condições de acesso de cada aluno, da navegabilidade”.

Análise da 3ª carta

A terceira carta, foi mais sucinta e objetiva, diferente das duas cartas anteriores, a amorosidade também se fez presente, uma vez que a remetente relata que priorizou manter o vínculo entre alunos e escola, levando em conta o fato de saber que nem todos os alunos tiveram o mesmo acesso às ferramentas digitais:

Optei por realizar essa avaliação por estarmos em um momento que não sabemos a real situação das famílias, dos alunos e do quanto poderá estar sendo difícil ter acesso às informações ou as mínimas condições adequadas de estudo. Priorizei o vínculo com a escola e o contato mais fraterno com meus alunos. (PROFESSORA S,2021)

No que se refere ao conceito de avaliação, a professora S, aponta que utiliza a avaliação diagnóstica em sua prática docente, com o intuito de verificar o processo de aprendizagem dos alunos e, também, para avaliar seu trabalho.

Como docente realizei uma única atividade no final do ano letivo com a palavra avaliação, a qual teve como principal objetivo diagnosticar suas facilidades e/ou dificuldades em realizar as atividades propostas. Minhas avaliações tiveram apenas duas questões. (...) Em tempos normais, quando utilizo qualquer instrumento de avaliação é com a finalidade de poder refletir sobre minha prática perante a aprendizagem dos alunos e a partir dos resultados traçar estratégias para melhorar o processo de ensino-aprendizagem(...)Busco na minha prática me valer de instrumentos avaliativos que considerem a aprendizagem de forma processual e qualitativa. (PROFESSORA S,2021)

Silva (2010), defende que:

No processo de ressignificação da concepção e das práticas avaliativas educacionais (...) no que diz respeito que todo professor deve avaliar seu trabalho, tomar as informações dele advindas para refletir e reorientar sua prática. Institucional na medida em que os sistemas de educação precisam proporcionar espaços de formação continuada, para que os profissionais da educação se aproximem, em especial, do campo teórico da avaliação educacional, dinamizando um repensar e um refazer sobre suas concepções e práticas. (SILVA, 2010, p.81)

Fica evidente que a professora S, compreende que a avaliação diagnóstica possibilita não apenas verificar o conhecimento inicial do aluno mas também é uma forma de “avaliar “todo o processo:

Entendo que avaliação com aspectos quantitativos somente pouco atinge o real objetivo da educação pois existem situações momentâneas na hora da avaliação que podem influenciar nos resultados numéricos, não expressando assim a real aprendizagem dos alunos. (PROFESSORA S,2021)

Fato este que é possível constatar no momento em que a já mencionada professora relata a forma que seu instrumento avaliativo foi realizado: *“A primeira solicitava que eles comentassem as atividades que mais gostaram de realizar e a segunda que escrevessem as dificuldades encontradas”*.

Análise da 4ª carta

A quarta carta, não menciona conceito de avaliação, ou mesmo limites e possibilidades em avaliar remotamente os alunos. Traz aspectos ligados a gestão, apresenta um desabafo no que se refere aos problemas enfrentados pela gestão em lidar com todos os impasses encontrados em lidar com seus pares:

A gestão este ano me pareceu muitas vezes limitada e impotente devido aos altos e baixos de uma pandemia. Refiro-me ao alcance pretendido em algumas comunicações, a dificuldade encontrada por alguns colegas em meio a tanta mudança, ao papel do fazer pedagógico em meio a uma pandemia. (PROFESSORA I 2021)

Inegável que a equipe gestora, também teve dificuldades com o ensino remoto emergencial, com certeza dificuldades que diferem das enfrentadas pelos professores titulares da sala de aula. Enquanto os professores estavam preocupados em adequar seus planejamentos para o espaço virtual, a equipe gestora teve de lidar com outros problemas, tais como:

Em determinados momentos muita coisa perdia o sentido, ao não saber o que aquele colega, aluno, família estavam passando, qual seria o rumo da pandemia e o quanto poderia afetar a saúde física e emocional da comunidade escolar. (PROFESSORA I,2021)

De acordo com a referida remetente, apesar de haver esforços por parte da equipe gestora em dar suporte para alunos, pais e professores:

O que ficou de lição neste ano atípico é que nem tudo que parece “óbvio”, o é para todos. Que nem sempre tudo que falamos é compreendido da maneira como desejamos e que por detrás de cada ser humano que faz parte da comunidade escolar sempre há uma história de vida a qual deve ser levada em consideração e respeitada principalmente em época de pandemia. (PROFESSORA I, 2021)

Menciona também o adoecimento físico e mental, ocasionados com a chegada da pandemia: ” *qual seria o rumo da pandemia e o quanto poderia afetar a saúde física e emocional da comunidade escolar*”.

Sabe-se que a gestão escolar antes da pandemia, lidava com toda parte burocrática da escola, divisão de turmas, designação de professores, atendimento aos alunos, pais e professores. Enfim, a equipe diretiva é a responsável pela organização de uma escola e conseqüentemente é a responsável direta pelo trabalho docente.

No entanto, com a chegada da pandemia, não foi apenas a rotina dos alunos e professores que sofreram alterações, a gestão escolar também foi fortemente afetada,

Análise da 5ª carta

A quinta carta vem carregada de um sentimento de insatisfação, indignação e até mesmo contrariedade:” *Sabes que não costumo fazer esse tipo de texto, mas vamos lá!*” E a desconformidade com o sistema/ governo fica mais evidente:

Partindo da premissa de que não temos nenhuma escolha, pois tudo nos é, infelizmente, "enfiado" goela abaixo, tivemos que, como tu mesma bem dissestes, nos reinventarmos e dividirmos em mil, diga-se de passagem, trabalhando em casa sem as mínimas condições possíveis e até nos estressando com algumas pessoas. (PROFESSORA D,2021)

A docente também relata que teve dificuldades em trabalhar de forma remota, vale ressaltar que essa professora antes da pandemia, tinha dificuldades em acessar o e-mail, aplicativos do estado e não fazia ideia de que maneira um grupo de WhatsApp era criado. Mesmo assim, nas palavras da remetente 5: “*Mas conseguimos, chegamos ao final deste ano letivo atípico, com a certeza de que fizemos o melhor que podíamos, com o conhecimento e a consciência que tínhamos.*”

A educação com essa rotina entediante vai perdendo seu encanto, seu poder de nos fazer mais humanos, civilizados. Na verdade, o sistema educacional tem sido um lugar de produzir excluídos, pessoas que vão perdendo sua autoestima e sua crença na capacidade de aprender, ou seja, a escola em vez de ensinar a aprender tem feito o contrário, ensina a aprender a não aprender. (SILVA, 2010, p.28)

No que se refere a avaliação, a referida professora afirma que “*Quanto às avaliações, não acho que tenha sido aplicado um método correto de se diagnosticar o conhecimento de um aluno!*”. Mais uma vez a avaliação diagnóstica é citada nas cartas.

Análise da 6ª carta

A sexta carta foi marcada por surpresas, primeiramente o espanto de minha parte em não haver recebido a carta resposta, pois esta professora foi a primeira a dizer o quanto estava feliz em fazer parte da pesquisa, mencionou a alegria que teve ao ler a carta e disse, que naquele mesmo dia iria escrever a resposta. No entanto, passaram-se os dias, os meses e chegou o final de ano, a encontrei pessoalmente na semana que antecedeu o natal de 2021, a mesma disse que havia perdido o e-mail com a carta, solicitou que eu enviasse novamente.

De acordo com a professora V, iria me enviar a carta resposta até o final da tarde, mais uma vez não obtive tal retorno. No início do mês de fevereiro, a encontrei novamente, dessa vez não mencionei carta, pois para meu entendimento a referida professora não retornou por escolha.

Para minha surpresa, a professora V, perguntou-me se sua carta teria sanado minhas dúvidas, respondi que ela não havia me enviado nenhuma carta. Por descobrimos que ela havia enviado a carta para outro e-mail e, havia removida a mesma para a lixeira, depois de muitas buscas, encontramos a carta.

Tal como as demais, a carta nº 6 também é marcada pela amorosidade: *“Me sinto honrada e orgulhosa de saber que minha ex-aluna, hoje é minha colega e está se qualificando na profissão”*.

A professora V, viu no ensino remoto, uma oportunidade de: *“Em tempos de ensino remoto ou híbrido, as formas de avaliar mudaram e nós professores precisamos ter um olhar mais atento, diferente do habitual nesse processo.”*

Menciona também que cabe ao professor:

Devemos procurar entender as diferenças entre ensino presencial e remoto, devemos fazer um mapeamento da turma e saber quais alunos iremos utilizar os meios sociais, plataforma, watts,meet , vídeos gravados ou pegar material físico na escola. Devemos encontrar a melhor forma de atender os alunos, pois sempre vai existir alguns alunos que não conseguirão acompanhar a turma com a ferramenta escolhida, sendo assim devemos escolher uma outra forma de atendê-lo. (PROFESSORA V, 2022)

A referida professora, cita também a importância do registro, pois de acordo com a mesma: *“O registro é muito importante, pois é a partir dele que podemos pensar nas intervenções que faremos para que os alunos avancem.”*

No que se refere a avaliação, a professora V, entende que:

A avaliação deve abordar práticas quantitativas e qualitativas, por ex: Testes objetivos, provas discursivas, Apresentações orais através de vídeos, Avaliações com e sem consulta (on line) e Auto avaliação após vídeo aula. (PROFESSORA V, 2022)

De acordo com a referida professora, se faz necessário que:

Acredito que cada professor criou seu mecanismo de avaliação de acordo com a realidade de sua escola para descobrir se realmente está ocorrendo a aprendizagem do aluno, se ele está conseguindo acompanhar devidamente os conteúdos apresentados remotamente, se caso contrário, fazer ajustes necessários e usar instrumentos variados para essa checagem. (PROFESSORA V, 2022)

A carta termina com a seguinte afirmação: *“Acredito que com o ensino a distância aprendemos a ter um novo olhar sobre como avaliar nosso aluno no todo e entender como funciona a aprendizagem remota”.*

6. AVALIAÇÃO DA METODOLOGIA

Apesar das mudanças ocasionadas pela pandemia na proposta inicial da metodologia, a avaliação da metodologia utilizada, ou seja, o uso das cartas pedagógicas como metodologia, possibilitou o desempenho do projeto e conseqüentemente a finalização do curso. Através das cartas pedagógicas, foi possível criar uma ponte com os sujeitos envolvidos na pesquisa, conhecer os limites e possibilidades encontradas por partes dos professores e equipe diretiva, em avaliar remotamente os alunos.

Pode-se dizer que a avaliação foi positiva, pois apesar de todos os percalços, prevaleceu o encanto das cartas pedagógicas, difícil mensurar o momento da escrita de cada carta, pensar em cada destinatário, foi um momento único. Momento este superado apenas com o retorno de cada carta, pensar que cada destinatário abdicou de algum momento da sua rotina para se debruçar na escrita da carta retorno, é algo impagável.

O conceito de avaliação que prevaleceu na maioria das cartas, tanto das professoras como da equipe diretiva, foi a avaliação diagnóstica. Medos e incertezas se fizeram presentes nas cartas respostas, sentimento de indignação, receio de que o trabalho realizado de forma remota não tenha sido suficiente.

Oportunizar um momento de reflexão, às vezes até uma oportunidade de desabafar as angústias que o ensino remoto acarretou, só foi possível de uma metodologia que fizesse uso das cartas pedagógicas.

7 TECENDO ALGUMAS CONCLUSÕES

Este capítulo é dedicado às considerações finais do relatório, sob uma perspectiva teórica, a partir de tudo que foi escrito e descrito ao longo do relatório.

Ficou evidente as dificuldades e até mesmo o medo por parte dos envolvidos em avaliar de forma remota, no entanto, Araújo, Cavalcanti, Pádua, Carvalho (2020), alertam que:

Apesar da preocupante questão apontada anteriormente, desigualdades de acesso digital, o ensino remoto trouxe um alerta importante para o sistema de ensino, sobretudo o público: a necessária e urgente ressignificação da docência para educação do século XXI, que se assenta na sistemática da aprendizagem móvel ou m-Learning. A aprendizagem móvel tem diretrizes específicas definidas em documento da UNESCO (2014). (ARAÚJO, CAVALCANTI, PÁDUA, CARVALHO, 2020, p.04)

É errôneo pensar numa perspectiva onde o ensino remoto emergencial, será simplesmente deixado de lado, mesmo quando a pandemia for erradicada e as aulas retornarem para o formato presencial, certamente em algum momento o governo irá lançar mão de atividades remotas.

Faz-se necessário acompanhar as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, no mundo, as ferramentas tecnológicas são aliadas da educação (quando usadas para tal finalidade), sabe-se que ainda em pleno ano de 2022, existem professores com dificuldades em fazer uso das ferramentas digitais, há inclusive aqueles que simplesmente se negam a utilizá-las, por diversos motivos.

O mundo mudou, a sociedade está em constantes transformações, hoje, qualquer pessoa (que tenha acesso às ferramentas digitais) pode ter acesso em tempo real a acontecimentos, notícias do outro lado do mundo. E, os alunos estão acompanhando todas essas informações e mudanças, por isso, os professores não podem e não devem ficar à margem de tanta mudança.

Com o intuito de findar este grande ciclo chamado Mestrado Profissional em Educação, nas palavras da minha querida professora Arlete Salcides: “*ao fim e ao cabo*”, o que se pode dizer após a utilização das cartas pedagógicas como instrumento metodológico?

Pensando no tema deste trabalho que é Limites e possibilidades de avaliar os alunos dos anos iniciais no ensino remoto: limites e possibilidades, é possível afirmar que sim foi um desafio fazer tal avaliação de forma remota, no entanto, é inegável o mundo de possibilidades que o trabalho remoto tornou possível tanto para alunos quanto para alunos. No que tange o uso das ferramentas digitais, a maioria dos sujeitos mostrou-se familiarizado com o uso das mesmas.

Já no que se refere ao ato de avaliar, pode-se dizer que a aprovação ou não em avaliar os alunos remotamente, está ligada ao conceito de avaliação dos participantes da pesquisa. A grande maioria dos participantes, viu conceber ensino remoto como um instrumento diagnóstico, no que se refere ao processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Se um professor conceber a avaliação como um ato emancipatório, cujo objetivo final não seja apenas aferir uma nota aos alunos ou mesmo que avaliar não seja uma forma de poder por parte do professor sobre o aluno, vai concluir que avaliar remotamente é possível, assim como as aulas remotas encurtaram a distância física da sala de aula. Uma vez que, através das plataformas *google* sala de aula, *meet*, foi possível uma interação em tempo real entre alunos e professores, assim como o uso da ferramenta digital *WhatsApp*, sanou dúvidas dos alunos de forma rápida, mesmo que fora do horário da escola, alunos e pais tiveram a oportunidade de fazer questionamentos aos professores e estes puderam responder dentro da sua disponibilidade.

Por outro lado, professores que ainda lançam mão atividades avaliativas apenas com o objetivo final de aferir uma nota, levando em conta apenas as respostas dadas pelos alunos no momento exato da atividade avaliativa, sem levar em conta todo o processo ensino-aprendizagem dos alunos, provavelmente viu o ensino remoto como algo inconcebível.

Entretanto, há professores que pelo fato de julgarem que a migração do ensino presencial para o remoto emergencial, ocorreu de forma arbitrária por parte do governo, fecharam os olhos para o mundo de possibilidades que o ensino remoto emergencial possibilitou.

Sabe-se que infelizmente vivemos em um tempo onde tanto o governo estadual quanto o federal, tratam com desrespeito o trabalho docente e conseqüentemente a educação. Basta assistir ou ler um jornal, para ter acesso

a informações preocupantes no que se refere ao modo como o governo concebe a educação. Sem mencionar o fato que o atual "governante" do nosso país, descreveu a pandemia como uma mera "gripezinha", ironizando a gravidade da situação.

Por fim, lançar mão do uso das cartas pedagógicas, ao invés de aplicar um questionário semiestruturado ou não, ou fazer uma entrevista, possibilitou uma imersão em um mundo para mim e provavelmente para os sujeitos da pesquisa. Uma vez que, além de estarem contribuindo para minha pesquisa, tiveram a oportunidade de refletir sobre a avaliação, o ensino remoto emergencial e ainda tiveram a oportunidade de expressar suas angústias e descontentamentos.

A divisão de águas da minha vida acadêmica, sem dúvidas nenhuma, foram as cartas pedagógicas! A seguir, a carta pedagógica redigida a partir das cartas respostas.

8 CARTA PRODUTO

Enfim, como avaliar de forma remota?

Jaguarão, 19 de setembro de 2022.

Apesar de parecer tão trivial, falar sobre avaliação, numa sociedade onde diferentes esferas se usam de um direito em opinar sobre como e quando deve ser realizada uma avaliação, sem se quer ter formação sobre o assunto, educadores precisam estar em constante processo de auto avaliação e conseqüentemente pensar no seu trabalho docente. Com o intuito de legitimar seu lugar de direito no processo de ensino -aprendizagem.

Nessa perspectiva, para começo de conversa, pode-se dizer que conforme mencionou umas das professoras participantes, que a caminhada avaliativa não pode ser resumida a um simples momento de questionamentos e respostas que obrigatoriamente tem que fechar com o gabarito previamente estabelecido pelo educador, com data e execução sumária do aluno caso ele não corresponda como o esperado.

Sem dúvidas alguma, a avaliação não deve ser tratada numa perspectiva de exclusão, o ato de avaliar diz respeito a todos os sujeitos envolvidos no processo, sejam eles alunos, professores, equipe diretiva... Dessa forma deve ser vista não apenas como um instrumento de verificação de conhecimento e, sim como um instrumento que pode permitir a avaliação também do trabalho do processo e principalmente porque determinado aluno não alcançou os objetivos propostos.

Não podemos ignorar o fato de que a pandemia do novo coronavírus exigiu que todos nós educadores repensássemos como viabilizar aulas e atividades. Com o ensino presencial, as possibilidades não faltavam para o feedback em tempo real a partir das interações e observações e atividades desenvolvidas em sala de aula.

Foi preciso, em função da necessidade e urgência em um prazo muito curto professores e gestores passar por uma aceleração e uma imersão em um mundo de aprendizagem da cultura digital. E a partir desse novo normal, como avaliar de forma negativa, reprovar alunos que assim como os professores,

tiveram que se adaptar rapidamente às ferramentas digitais necessárias para trabalhar no ensino remoto emergencial.

Nesse contexto, cheio de novidades e desafios, como saber se os alunos estão se desenvolvendo e alcançando os objetivos? Como avaliar a aprendizagem sem saber o que eles sabem? Como avaliar os alunos com necessidades especiais no ensino remoto que precisam de um atendimento mais individualizado? E os alunos que não têm condições de acesso à plataforma e pegam material físico? Como saber se foi o aluno quem fez a atividade ou algum familiar? Ou pesquisou no *Google*?

Em meio a tantas inquietações, como classificar um aluno através de uma nota? Sem levar em conta o que foi elencado no parágrafo anterior?

Um exemplo de avaliação relatado nas cartas foi o de realizar apenas uma avaliação, com o objetivo de diagnosticar suas facilidades e/ou dificuldades em realizar as atividades propostas. Outra questão de suma importância presente nas cartas, é o fato de entender, perceber que a avaliação com aspectos quantitativos somente pouco atinge o real objetivo da educação pois existem situações momentâneas na hora da avaliação que podem influenciar nos resultados numéricos, não expressando assim a real aprendizagem dos alunos.

Buscar na prática docente e se valer de instrumentos avaliativos que considerem a aprendizagem de forma processual e qualitativa, também faz parte do processo.

Incertezas também se fizeram presentes no trabalho da equipe diretiva, uma vez que, o trabalho da gestão em certas ocasiões, pareceu limitado e impotente devido aos altos e baixos da pandemia. Principalmente nas questões sobre o ato de se comunicar com os pares, frente a dificuldade encontrada por alguns colegas em meio a tanta mudança, ao papel do fazer pedagógico em meio a uma pandemia.

Vale ressaltar que em determinados momentos muita coisa perdia o sentido, ao não saber o que aquele colega, aluno, família estavam passando, qual seria o rumo da pandemia e o quanto poderia afetar a saúde física e emocional da comunidade escolar.

No entanto, em tempos de ensino remoto ou híbrido, as formas de avaliar mudaram e nós professores precisamos ter um olhar mais atento, diferente do habitual nesse processo. Dessa forma, foi preciso entender as diferenças entre ensino presencial e remoto, devemos fazer um mapeamento da turma e saber quais alunos iremos utilizar os meios sociais, plataforma, *WhatsApp*, *meet*, vídeos gravados ou pegar material físico na escola.

Não faltaram esforços para, pelo menos, tentar encontrar a melhor forma de atender os alunos, pois sempre vai existir alguns alunos que não conseguirão acompanhar a turma com a ferramenta escolhida, sendo assim devemos escolher uma outra forma de atendê-lo.

9 REFERÊNCIAS

ARAUJO, Zilda T. Santos, CAVALCANTI, Ágata L.L. Alves, PADUA, Carlos Alberto L.de Oliveira, CARVALHO, Antônia Dalva França. **Ensino remoto e a avaliação da aprendizagem:** Estratégias adotadas por professores da rede de ensino da educação básica no Piauí. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_M D1_SA19_ID1936_01102020234427.pdf

BONILLA, M. H. S. e SOUZA, J. S. Diretrizes metodológicas utilizadas em ações de inclusão digital. In: BONILLA, M. H. S. e PRETTO, N. D. L. (Orgs.). **Inclusão digital:** polêmica contemporânea [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 91-107. Available from SciELO Books: <http://books.scielo.org>.

BODGAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação** – Uma Introdução às teorias e aos métodos. Porto Editora: Portugal, 1994.

BRASIL, Lei Federal nº 2.246 de 2007. **Veda o uso de telefones celulares nas escolas públicas de todo o país.** Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=517286 & filename= Avulso +-PL+2246/2007. Acesso em: out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

ESCOLA RS. <https://escola.rs.gov.br/aulas-remotas-o-que-e> acesso em **11/10/2020**

FRANCO, S. C. **Origens de Jaguarão 1790- 1833.** Porto Alegre: Evangraf, 1979.

FRANCO, S. C. **Gente e coisas da fronteira sul:** ensaios históricos. Porto Alegre: Sulina, 2001.

GOMES, S dos S. **Um olhar sobre as práticas de avaliação na escola.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

DICKMANN, I. As dez características de uma carta pedagógica. In: PAULO, F. S.; DICKMANN, I. (Orgs.). **Cartas pedagógicas:** tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

FREITAS, A. L. S.; FORSTER, M. M. S. Paulo Freire na formação de Educadores: contribuições para o desenvolvimento de práticas crítico-reflexivas. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, N.61, 2016.

FREITAS, Ana Lúcia Souza: **Carta sobre Cartas Pedagógicas**: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. Unipampa, Campus Jaguarão; Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HOFMAN, J. **Avaliação mito e desafio**: uma perspectiva construtivista. 43 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

HOFMAN, J. **Avaliação Mediadora**: Uma prática em construção da pré-escola à universidade. 31 ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MACIEL, M. C. P.; PASSERINO, L. M. **A Inclusão digital fora do contexto escolar**: Análise do Projeto Ceibal no Uruguai. Momento Diálogos em Educação: Rio Grande, 2011.

MACHADO, P. L. P. Educação em tempos de pandemia: o ensinar através de tecnologias e mídias digitais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 06, Vol. 08, pp. 58-68. Junho de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tempos-de-pandemia>.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

PAULO, F. S.; DICKMANN, I. Cartas pedagógicas: registro e memória na Educação Popular. In: PAULO, F. S.; DICKMANN, I. (Orgs.). **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul. **Projeto Província de São Pedro destina um computador por aluno e professor**. Disponível em: http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/proj_provincia.jsp. Acesso em: out. 2020.

Rio Grande do Sul. **Referencial Curricular Gaúcho**: Linguagens. Porto Alegre, Departamento Pedagógico, 2020.

Rio Grande do Sul, Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Sul. **Um grande destino turístico**. Disponível, em: <https://www.turismo.rs.gov.br/cidade/173/jaguarao>. Acesso em: 14 ago. 2020.

Rio Grande do Sul, Secretaria Estadual de Educação: MEMORANDO de 8/12/2020.

SILVA, J. F. **Avaliação na Perspectiva Formativa**: Pressupostos Teóricos e Práticos. Editora Mediação, 2020.

Projeto Político Pedagógico. **Escola Estadual Joaquim Caetano da Silva**. Jaguarão RS, 2016.

Regimento Escolar. **Escola Estadual Joaquim Caetano da Silva**. Jaguarão RS, 2016.

VAZ, B. R. G. **A Educação a distância no Brasil e a reconfiguração da identidade do professorado**. 2016. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas- UFPEL, Pelotas/RS, 2016.

VEIGA, I. P. A. (Org.). **Quem sabe faz a hora de construir o Projeto Político-Pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

10 ANEXOS

ANEXO 1

Jaguarão, 05 de novembro de 2020.

Querida colega F

Venho através dessas singelas palavras, primeiramente, saber como estás? Espero que estejas bem. Sei que não está sendo fácil para ninguém essa pandemia e conseqüentemente trabalhar remotamente.

Lembro-me como se fosse ontem, todas nós reunidas na reunião de boas-vindas do ano letivo que se iniciava, não poderíamos imaginar o vendaval chamado corona vírus que estava chegando e muito menos os impactos que ele iria ocasionar em nossas vidas.

Optei em te escrever essa carta, com o intuito de saber um pouco dos teus anseios, no que se refere a avaliar de forma remota os alunos. Assim, gostaria muito de saber como está sendo para ti, Fernanda, trabalhar de forma remota, quais os limites e possibilidades em avaliar de forma remota. Trabalhar remotamente em meio a uma pandemia, além de ser um desafio, traz também uma solidão. Solidão esta que em nada combina com teu jeito alegre e amigo de ser.

Paulo Freire nos ensinou que ensinar não é transmitir apenas transferir conhecimento. Freire nos ensinou que para transformar a sociedade, é preciso primeiramente, perceber e reconhecer o papel transformador da educação. E certamente é o que estamos tentando fazer mesmo de forma remota.

Espero ansiosa pela resposta desta carta!

Atenciosamente, Luciane

ANEXO 2

Jaguarão, 07 de novembro de 2020.

Querida colega, S

Através desta carta, venho primeiramente dizer o quanto admiro teu trabalho, seja como professora ou como vice-diretora. Estás sempre disposta a ajudar, não importa o dia e nem a hora.

Vivemos um momento delicado, onde o simples fato de dizer o que pensamos, pode causar danos irreparáveis. E em meio a esse cenário caótico, precisas dividir teu tempo entre a docência e a gestão da escola, vives duas realidades ao mesmo tempo.

Em meio a uma pandemia, tivemos e temos que nos reinventar diariamente, principalmente no trabalho docente. Dessa forma, gostaria de saber tua opinião sobre os limites e possibilidades em avaliar teus alunos de forma remota. Gostaria de saber um pouco dos teus desafios diários no que se refere à avaliação, tanto como docente como gestora.

Paulo Freire, sempre lutou por uma sociedade onde um educador deixe de ser um sujeito autoritário e conservador, defendeu de forma louvável uma educação fundada na ética, respeito e autonomia do educando.

Assim, espero ansiosa pelo teu retorno!

ANEXO 3

Jaguarão, 07 de novembro de 2020.

Querida colega, S

Através desta carta, venho primeiramente dizer o quanto admiro teu trabalho, seja como professora ou como vice-diretora. Estás sempre disposta a ajudar, não importa o dia e nem a hora.

Vivemos um momento delicado, onde o simples fato de dizer o que pensamos, pode causar danos irreparáveis. E em meio a esse cenário caótico, precisas dividir teu tempo entre a docência e a gestão da escola, vives duas realidades ao mesmo tempo.

Em meio a uma pandemia, tivemos e temos que nos reinventar diariamente, principalmente no trabalho docente. Dessa forma, gostaria de saber tua opinião sobre os limites e possibilidades em avaliar teus alunos de forma remota. Gostaria de saber um pouco dos teus desafios diários no que se refere à avaliação, tanto como docente como gestora.

Paulo Freire, sempre lutou por uma sociedade onde um educador deixe de ser um sujeito autoritário e conservador, defendeu de forma louvável uma educação fundada na ética, respeito e autonomia do educando.

Assim, espero ansiosa pelo teu retorno!

Atenciosamente, Luciane

ANEXO 4

Jaguarão, 07 de novembro de 2020.

Querida colega, D.

Através dessas poucas, porém sinceras, palavras, gostaria de dizer que sinto falta de nossas conversas, risadas e reclamações na hora do recreio ou durante o horário de Educação Física dos nossos alunos. Primeiramente gostaria de saber como estás lidando com essa pandemia e, como está sendo para ti trabalhar de forma remota.

Da noite para o dia, nossas vidas viraram de ponta cabeça, fomos obrigados a lidar com tecnologias, ficar à disposição de pais e responsáveis 24 horas, durante 7 dias da semana. Sem dúvidas nenhuma, passamos a trabalhar mais de 20 horas semanais.

Por isso, gostaria de saber tua opinião sobre os limites e possibilidades em avaliar os alunos de forma remota. Até que ponto acreditas que é possível avaliar de forma remota? Ou na tua opinião avaliar remotamente é algo inconcebível?

Mais uma vez, fomos cobaias de um governo que simplesmente ignora nossa realidade e continua com seus mandos e desmandos. Vivemos um momento delicado, onde o simples fato de dizer o que pensamos, pode causar danos irreparáveis.

Em meio a uma pandemia, tivemos que reinventar nossa prática docente e, sei que não és uma amante das tecnologias e mesmo assim, fostes e és desafiada diariamente a virar uma especialista em tecnologias.

Paulo Freire destaca a importância do educador e sua metodologia, ressalta também que o educador deve estar aberto também a aprender e trocar experiências com os educandos, pois a vivência dos educandos merece respeito. A pergunta que não quer calar: É possível fazer isso de forma remota?

Tu estás fazendo isso?

Assim, espero ansiosa pelo teu retorno!

Atenciosamente, Luciane

ANEXO 5

Jaguarão, 11 de novembro de 2020.

Querida V,

Primeiramente, gostaria de expressar minha alegria em ser tua colega de trabalho, lembro com muito carinho que fostes minha professora no 3º ano dos anos iniciais. Se hoje sou uma professora, podes ter certeza de que foste uma das minhas inspirações para tal escolha.

Nossas vidas mudaram drasticamente da noite para o dia, a chegada da pandemia fez com que tudo que tínhamos como certeza tornou-se algo incerto.

Esse era para ser apenas mais um ano letivo “normal”, com expectativas e desafios como todos os outros. Porém, a implantação do ensino remoto emergencial trouxe muitas dúvidas e desafios impensáveis para todos.

Paulo Freire chama a atenção para o fato de que a responsabilidade do profissional de educação perante a sociedade vai além de apenas “dar aula” pois Freire considerava fundamental que o professor fosse portador de uma sólida formação política, permitindo assim compreender o que é relevante para ser ensinado e como deve ser feito tendo em vista os fins educativos articulados com uma realidade social concreta.

Por isso, te convido a responder essa carta, contando um pouco da tua opinião sobre os limites e possibilidades no que se refere a avaliação dos alunos de forma remota.

Atenciosamente, Luciane

ANEXO 6

Jaguarão, 11 de novembro de 2020.

Querida N,

Em tempos em que a tecnologia reina absoluta, resolvi fazer o caminho inverso, através desta singela carta, venho primeiramente perguntar como estás? Sei que o trabalho de gestora é árduo e muitas vezes solitário e, na maioria das vezes, não é reconhecido.

Com a chegada da pandemia, escolas foram fechadas, aulas suspensas, porém o trabalho da gestão escolar em momento algum parou, ao contrário aumentou. Todos assistimos diariamente nossa vida pessoal sendo invadida por reuniões virtuais, chamadas telefônicas, grupos de *WhatsApp*, e-mail etc.

Em meio a tantas mudanças, está a avaliação, no início deste ano letivo, ficamos sabendo que o modo de avaliar havia mudado novamente, porém, com a implantação do ensino remoto emergencial, tudo mudou mais uma vez.

Paulo Freire sempre defendeu a ideia de que amor e diálogo andam de mãos dadas, para ele amor é, também, diálogo. Mesmo com todas as adversidades que estamos encontrando, continuas sendo a mesma pessoa calma e diplomática de sempre.

Assim, gostaria de saber tua opinião sobre os limites e possibilidades em avaliar os alunos dos anos iniciais de forma remota. Em que medida acreditas numa avaliação que leve em consideração todo o contexto que o ensino remoto representa?

Atenciosamente, Luciane

ANEXO 7

Jaguarão, 11 de novembro de 2020.

Querida I,

Sei que não está sendo nada fácil esse ano para todas nós, fomos e estamos sendo atropelados diariamente pelas mudanças que o ensino remoto emergencial trouxe.

Até o ano passado, um dos problemas enfrentados nas escolas era o uso indevido de celulares e conseqüentemente redes sociais. Porém, esse ano tão atípico mudou essa realidade, agora o problema é quando os alunos e professores não utilizam os celulares e computadores.

Teu trabalho sempre foi e continua sendo de suma importância para o bom desenvolvimento desse ano letivo tão atípico que estamos vivendo. Lembro que o tema avaliação sempre esteve presente nas reuniões da escola conduzidas por ti. Assim como até ano passado, estavam sempre atrás de todas as professoras dando aval para as avaliações e, também, sempre com contribuições para melhorar as avaliações.

Segundo Paulo Freire a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler se veio dando na sua experiência existencial. A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Assim as palavras do povo, vinham através da leitura do mundo. Depois voltavam a eles, inseridos no que se chamou de codificações, que são representações da realidade.

Da noite para o dia, tudo mudou, a todo momento, recebemos novas orientações referentes aos procedimentos a serem tomados. Dentre tantas mudanças e inquietações, tem uma que se tornou tão importante para mim que até virou meu projeto de mestrado, a como avaliar os alunos de forma remota?

Portanto, gostaria de saber tua opinião sobre quais os limites e possibilidades de avaliar os alunos de forma remota. aguardo ansiosa tua resposta!

Atenciosamente, Luciane

ANEXO 8

CARTAS RESPOSTAS

Jaguarão, 13 de dezembro de 2020

Cara Luciane,

Estou respondendo a tua amável carta e tentarei de forma sucinta e clara expor o que acredito e utilizaria como forma de avaliação. É preciso ressaltar que o que vou relatar nessas poucas linhas não serve apenas para um momento como este que estamos vivendo, com informações que muitas vezes se perdem no grande espaço que se criou entre o emissor da mensagem e o receptor. Como bem citaste no teu relato, Paulo Freire conta com o amor como a essência da educação e para tanto o profissional da educação deve ter um olhar diferenciado não somente para o seu aluno, mas para todo o contexto que ele está inserido. Inicia-se assim o primeiro "modus operandi" da forma que o professor vai avaliar seus alunos. A caminhada avaliativa não pode ser resumida a um simples momento de questionamentos e respostas que obrigatoriamente tem que fechar com o gabarito previamente estabelecido pelo educador, com data e execução sumária do aluno caso ele não corresponda como o esperado. E toda a caminhada desse aluno durante o bimestre, trimestre ou semestre? Como ignorar toda a produção desse aluno e sua pluralidade evolutiva durante o período letivo? Pois considerando essas questões que exemplifiquei e conhecendo as correntes educacionais que permeiam os Planos Pedagógicos das Instituições escolares (no momento me refiro as Estaduais), que devem seguir uma série de orientações onde o cumprimento do calendário e o alcance da aprovação deve ser dada em forma de resultado (nota numérica), salvo aqueles casos previstos em lei, afirmo que o professor é o balizador que tem a condição de usar todas as ferramentas e aquele olhar que falamos anteriormente para uma avaliação constante, levando em conta todos os critérios possíveis e transformando cada um deles em um resultado, somando a isso uma avaliação diagnóstica para que o aluno seja preparado para o mundo e não apenas para ser promovido ao ano subsequente. Transpondo para os anos iniciais e de forma remota, como foi a tua questão, reafirmo que a empatia e o olhar despido do mecânico método de "prova" para reconhecer se seu trabalho frutificou na longa

plantação, seria melhor acompanhar o que é semeado todo o dia colocando os insumos que se fizer necessário naquele momento.

Espero cara colega e amiga que tenha conseguido responder aos teus questionamentos,

Abraços, N

ANEXO 9

Jaguarão, 13 de dezembro de 2020

Colega Luciane

Agradeço pelo carinho e espero poder dar minha pequena contribuição no teu projeto.

Realmente, a pandemia do novo coronavírus exigiu que todos nós educadores repensássemos como viabilizar aulas e atividades. Com o ensino presencial, as possibilidades não faltavam para o feedback em tempo real a partir das interações e observações e atividades desenvolvidas em sala de aula.

Foi preciso, em função da necessidade e urgência em um prazo muito curto professores e gestores passar por uma aceleração e uma imersão em um mundo de aprendizagem da cultura digital.

Diante desse cenário de pandemia da Covid-19, mediada por uma tela, as devolutivas continuam como forma de acompanhamento e desenvolvimento dos estudantes durante a sua aprendizagem, precisaram ser adaptadas.

O ensino remoto, ampliou as possibilidades de formatos, as melhores ferramentas vão depender das condições de acesso de cada aluno, da navegabilidade

Nesse contexto, cheio de novidades e desafios, como saber se os alunos estão se desenvolvendo e alcançando os objetivos? Como avaliar a aprendizagem sem saber o que eles sabem? Como avaliar os alunos com necessidades especiais no ensino remoto que precisam de um atendimento mais individualizado? E os alunos que não têm condições de acesso à plataforma e pegam material físico? Como saber se foi o aluno quem fez a atividade ou algum familiar? Ou pesquisou no *Google*?

Considerando as citações acima apontadas uma das possibilidades de avaliação nessa nova modalidade de ensino remoto, é que o professor está mais perto do aluno afetivamente e emocionalmente, essa interação professor/aluno mais do que nunca traz um resultado positivo, o professor passa a conhecer mais seu aluno e buscar as estratégias para melhorar as possíveis lacunas.

Sucesso colega, nessa nova caminhada!

I

ANEXO 10

Jaguarão, 21 de dezembro de 2020.

Estimada colega Luciane

Com relação a avaliação...

Como docente realizei uma única atividade no final do ano letivo com a palavra avaliação, a qual teve como principal objetivo diagnosticar suas facilidades e/ou dificuldades em realizar as atividades propostas. Minhas avaliações tiveram apenas duas questões.

A primeira solicitava que eles comentassem as atividades que mais gostaram de realizar e a segunda que escrevessem as dificuldades encontradas. Optei por realizar essa avaliação por estarmos em um momento que não sabemos a real situação das famílias, dos alunos e do quanto poderá estar sendo difícil ter acesso às informações ou as mínimas condições adequadas de estudo. Priorizei o vínculo com a escola e o contato mais fraterno com meus alunos.

Em tempos normais, quando utilizo qualquer instrumento de avaliação é com a finalidade de poder refletir sobre minha prática perante a aprendizagem dos alunos e a partir dos resultados traçar estratégias para melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Entendo que avaliação com aspectos quantitativos somente pouco atinge o real objetivo da educação pois existem situações momentâneas na hora da avaliação que podem influenciar nos resultados numéricos, não expressando assim a real aprendizagem dos alunos. Busco na minha prática me valer de instrumentos avaliativos que considerem a aprendizagem de forma processual e qualitativa.

S.

ANEXO 11

Jaguarão, 21 de dezembro de 2020.

A gestão este ano me pareceu muitas vezes limitada e impotente devido aos altos e baixos de uma pandemia. Refiro-me ao alcance pretendido em algumas comunicações, a dificuldade encontrada por alguns colegas em meio a tanta mudança, ao papel do fazer pedagógico em meio a uma pandemia.

Em determinados momentos muita coisa perdia o sentido, ao não saber o que aquele colega, aluno, família estavam passando, qual seria o rumo da pandemia e o quanto poderia afetar a saúde física e emocional da comunidade escolar.

Nosso grupo gestor fez tudo que estava ao alcance de ser realizado, buscando sempre atender alunos, famílias e dar o suporte pedagógico aos professores nos momentos em que precisavam de auxílio ou orientação.

O que ficou de lição neste ano atípico é que nem tudo que parece “óbvio”, o é para todos. Que nem sempre tudo que falamos é compreendido da maneira como desejamos e que por detrás de cada ser humano que faz parte da comunidade escolar sempre há uma história de vida a qual deve ser levada em consideração e respeitada principalmente em época de pandemia.

Espero poder ter contribuído...

Atenciosamente S.

ANEXO 12

Jaguarão, 7 de janeiro de 2021

Bom dia, colega!

Sabes que não costumo fazer esse tipo de texto, mas vamos lá!

Partindo da premissa de que não temos nenhuma escolha, pois tudo nos é, infelizmente, "enfiado" goela abaixo, tivemos que, como tu mesma bem dissestes, nos reinventarmos e dividirmos em mil, diga-se de passagem, trabalhando em casa sem as mínimas condições possíveis e até nos estressando com algumas pessoas.

Mas conseguimos, chegamos ao final deste ano letivo atípico, com a certeza de que fizemos o melhor que podíamos, com o conhecimento e a consciência que tínhamos.

Quanto às avaliações, não acho que tenha sido aplicado um método correto de se diagnosticar o conhecimento de um aluno! Mas aí vem a pergunta:

Como fazer, no meu ponto de vista, tudo foi feito, como disse antes, da melhor maneira que se poderia fazer!

Não sei se com isto pude te ajudar de alguma maneira colega!

Ótimo ano novo pra todos nós!

Cordialmente, D

ANEXO 13

Jaguarão, 15 de dezembro de 2021.

Querida Luciane:

Me sinto honrada e orgulhosa de saber que és minha ex-aluna, hoje é minha colega e está se qualificando na profissão, respondo a tua carta baseada em minha prática diária durante a pandemia.

Em tempos de ensino remoto ou híbrido, as formas de avaliar mudaram e nós professores precisamos ter um olhar mais atento, diferente do habitual nesse processo.

Devemos procurar entender as diferenças entre ensino presencial e remoto, devemos fazer um mapeamento da turma e saber quais alunos iremos utilizar os meios sociais, plataforma, watts, meet, vídeos gravados ou pegar material físico na escola.

Devemos encontrar a melhor forma de atender os alunos, pois sempre vai existir alguns alunos que não conseguirão acompanhar a turma com a ferramenta escolhida, sendo assim devemos escolher uma outra forma de atendê-lo.

Nesse contexto, repleto de novidades e desafios inéditos, podemos nos certificar de que os alunos estão se desenvolvendo e alcançando os objetivos propostos.

De que maneira podemos avaliar a aprendizagem nessas novas condições?

O registro é muito importante, pois é a partir dele que podemos pensar nas intervenções que faremos para que os alunos avancem.

A avaliação deve abordar práticas quantitativas e qualitativas, por ex:

- *Testes objetivos
- *provas discursivas
- *Apresentações orais através de vídeos
- *Avaliações com e sem consulta (on line)
- *Autoavaliação após vídeo aula

Acredito que cada professor criou seu mecanismo de avaliação de acordo com a realidade de sua escola para descobrir se realmente está ocorrendo a

aprendizagem do aluno, se ele está conseguindo acompanhar devidamente os conteúdos apresentados remotamente, se caso contrário, fazer ajustes necessários e usar instrumentos variados para essa checagem.

Acredito que com o ensino a distância aprendemos a ter um novo olhar sobre como avaliar nosso aluno no todo e entender como funciona a aprendizagem remota.

Espero ter colaborado contigo, tenhas um ótimo trabalho de pesquisa e que possas nos trazer novidades sobre avaliações.

Beijos

V